

# O TRUQUE DO TUCO-TUCO

Enfrentando a vida  
de um jeito incomum



Edições SHII  
Série Lições de Vida

Jorge Alberto Salton



Jorge Alberto Salton

# O truque do tuco-tuco



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

2015



Jorge Alberto Salton

## **O truque do tuco-tuco**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Do livro: Contos. -Porto Alegre: Ed SHII, 2010. 144p.; 11 x 19cm.

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para: Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor: 15/10/2015

S179t Salton, Jorge Alberto

O truque do tuco-tuco [recurso eletrônico] : enfrentando a vida de um jeito incomum / Jorge Alberto Salton. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.

1,2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-135-3

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Depoimentos. 2. Psicologia. 3. Psiquiatria. 4. Médico e paciente – Relações. I. Título.

## O TRUQUE DO TUCO-TUCO

1

Acordo de madrugada sentindo cheiro de maconha. Noite abafada O vizinho do andar de baixo deve estar fumando. As janelas destes apartamentos de um quarto dão para um fosso de luz. Qualquer coisa que vá para o ar, seja consequência de fritura, de incenso, de mata-mosquito, acaba sendo compartilhado por todos. Justiça seja feita: por vezes há aroma adocicado.

Por azar, não suporto o cheiro da maconha, a ponto de, numa noite, tentar um diálogo, janela a janela, vizinho a vizinho, interrompido com um "vai-à-merda", que eu deixei por isso mesmo.

Meio dormindo me debruço no parapeito. Olho para baixo, não há ninguém na janela do diálogo interrompido da outra vez. Olho para cima: há um rosto. Sim, há um rosto enrugado, pálido, imóvel, numa janela a minha frente, um andar acima. Recordo meu avô materno aos oitenta e seis anos, idade de sua morte.



Fim de dia. Recém-chegado ao apartamento, o interfone chama insistente.

- O Arnaldo, qual é o apartamento do Arnaldo?

- Como vou saber? Pergunte à zeladora!

- A infeliz não atende!

Voz impertinente, irritada e parece de mulher de bastante idade. Insiste. Acabo descendo, não por ela, mas pelo marido da zeladora. Não vá essa mal-educada reclamar ao chato do síndico e provocar desemprego. E com quem eu, que moro sozinho, irei conversar à meia-noite, horário habitual de retorno de minhas atividades diárias? O marido da zeladora é a única alma que encontro no hall de entrada. Todos os que, como ele, trabalham como guarda-costas adquirem o precavido hábito de dormir pouco.

Abro a porta do prédio e me surpreendo com as rugas do rosto daquela mulher magra, um pouco arcada para a frente.

- Nunca viu alguém tão velha? Seja sincero! O Arnaldo que eu procuro é um velho, muito velho, o velho mais velho que você deve ter encontrado neste prédio.

O rosto da janela? Sempre que, à noite, vou à janela, olho para cima à procura daquele rosto. Sorte desta senhora muito velha que o seminário sobre disfunções sexuais que eu teria nesta noite foi cancelado. A zeladora ausente, ela irritada daquele jeito, duvido que alguém no prédio se dispusesse a ajudá-la.

Levo-a ao andar imediatamente superior ao meu e localizo o apartamento do velho da janela. É mesmo ele o Arnaldo.

Conversam à porta, sem muito calor humano. Arnaldo, impaciente, quer sair. É impressionante como sua fisionomia faz evocar em mim a lembrança de meu avô na época dos sucessivos infartos que acabaram com sua vida. Nosso prédio nem elevador tem. Resolvo ajudá-lo nas escadas. Lá vamos nós, degrau a degrau. O braço emagrecido, que seguro com mão firme, me comove. Lembra o de meu avô. A velha fala sem parar, não presto atenção, mas consigo captar que há dez anos não vê o Arnaldo e que foram íntimos quando bem mais jovens. Teriam sido amantes?

O velho quer ir a um bar. A velha ri:

- Arnaldo, sem beber você já está grogue.

- Mineral! Vou beber água mineral!

Consgo a conciliação mostrando a esquina do outro lado da rua.

- Naquele armazém existem duas mesas, é quase um bar.

Atravessando lentamente a rua, percebo que a noite é daquelas bem escuras. Sentamo-nos em torno da mesa junto à porta do armazém.

- Já trabalhou em circo? - Pergunta-me a velha ajeitando-se na cadeira.

- A oportunidade que tive foi em outra área - respondo brincando.

Nunca me imaginei trabalhando em circo, mas não desdenho essa profissão nem estou querendo gabar a minha. Até porque levanto antes das sete, com um radiodespertador sintonizado numa emissora: "Levanta trabalhador!" - Diz o locutor - "Levanta que já são seis e cinquenta!"

Os dois se acusam pelos dez anos sem contato.

Volto a lembrar de minhas manhãs: "Vamos! Vamos! Levanta que já são sete horas!" Entro no meu fusca e saio daqui do Alto do Bronze em direção à Tristeza. Após um trânsito encorpado, estaciono no Hospital Espírita, onde me aguardam mais de vinte pacientes hospitalizados. Ainda pela manhã, mais

trânsito até o centro. E estacionar no centro de Porto Alegre!? Atendo no ambulatório da Associação Brasileira de Combate ao Alcoolismo (Abcal) até perto das treze horas. Raramente faço um lanche porque me submeto a análise individual, aquela do divã, quatro vezes por semana, e acabo ficando sem tempo para comer. Vivo com o troco que me sobra do pagamento da análise.

Passo a tarde no Hospital São Pedro atendendo pacientes pelo Departamento de Psiquiatria da Ufrgs onde concluo curso de especialização. À noite, se não é um seminário teórico do curso é um grupo de alcoolistas da Abcal. E ainda faço alguns plantões e preciso arrumar tempo para estudar.

- Eu estou largando - diz a velha para mim. - E não vou nem ficar trabalhando na bilheteria como a Zete.

E eu estou apenas começando minha profissão. Zete? Talvez ela tenha falado em Zete no diálogo com o velho, não prestei atenção.

- A Zete foi trapezista... largou, mas segue como funcionária da bilheteria. É de confiança. Tem carro, me deixou aqui e foi embora. Até erguerem a lona ela está de folga. Eu enjoiei, não posso nem ver a lona...

Chegam nossas garrafas de água mineral. Os olhos de Arnaldo percorrem o armazém: fumaça de cigarro, uma

mulher lava o chão, um homem ergue um saco de carvão, dois outros dão risadas à porta.

- Quatrocentos anos ou mais de circo, chega! Não chega?! - Sorri a velha.

- Você também é trapezista? - Pergunto.

- Digamos que a Margarida senta no trapézio... - intromete-se o Arnaldo com falta de ar. - depois, bem devagar, vai indo para trás, sempre com as mãos agarradas nas cordas, ajeita a parte de trás do joelho sobre o trapézio, pernas dobradas.... Então, tudo pronto, Margarida larga as mãos das cordas... fica segura pelas pernas dobradas no trapézio... larga o tórax, a cabeça, os braços... Dependurada do trapézio, bem solta, leve... Sabe o que acontece?

- Gostaria de saber - digo para mostrar interesse.

- Na idade dela, a força da gravidade a desintrega com muita facilidade... Margarida quebra ao meio.

A velha ri.

- O tronco se desprende das pernas...

A velha dá gargalhadas.

- Não subo a trapézio há muito - informa Margarida suspirando. - Que idade você tem?

- Vinte e sete.

- Nome?

- Jorge.

- Hein, Arnaldo? Que idade a do Jorge!?

- Nem é bom lembrar...

- Arnaldo, trapézio nunca foi pra ti subir. Mas e mulher? Há quantos anos não sobe numa mulher. Se servir de consolo - continua Margarida - não transo há um ano. Amanhã faz aniversário. Sei porque anotei no calendário.

- Um ano?! - Rebate Arnaldo.- Você não transa desde que Abraão Lincolm foi assassinado!

- Você não adivinha qual era meu número no circo? - Margarida olha para mim com um sorriso na boca. - A mulher do atirador de facas. Quer dizer, isto há muitos anos. Ultimamente - ri - eu era apresentada como a avó do atirador de facas.

O assunto me atrai e eu peço um guaraná.

- Peça cerveja também - ordena Arnaldo. Obedeço.

- Infelizmente, com a minha idade, meu número não mais despertava emoção. No início, eu sentia na pele o suspiro da plateia temendo que aquela moça bonita que era eu morresse

por uma faca atirada sem destreza. Fui notando a emoção diminuir com o passar dos anos. Mas... continuei, afinal era um emprego. Cada vez me pagavam menos. Há muito que a plateia não suspira mais. Também, se a faca vier na direção errada... o que é que muda? Já sou vista como um cadáver mesmo, um cadáver ambulante. Não minta! Quando você me viu aposto que pensou: “É a mulher mais velha que eu já vi!” - ri.

- Pensei mesmo - digo sorrindo enquanto coloco cerveja no meu copo e um pouquinho sobre a água mineral do Arnaldo, obedecendo a sua sinalização.

- O dono do último circo em que trabalhei me queria naquele número do cadáver que ressuscita... ora quem se interessa hoje em dia por cadáver que ressuscita?

- Talvez alguma religião... - comenta Arnaldo com voz ofegante. - Umbanda... Quimbanda...

- Uma gota de cerveja num copo de água e Arnaldo já está bêbado - reclama Margarida.

Arnaldo respira mal. Escora os cotovelos sobre a mesa e segura o rosto com as duas mãos.

- Viver para sempre? - Suspira Margarida - Você bem sabe, Arnaldo, que esta é a última vez que vamos nos ver.

- Margarida... vamos mudar de assunto... - murmura Arnaldo

- Cada um deve falar naquilo que está por lhe ocorrer. Um músico terá a tendência natural de falar no bar em que tocará no dia seguinte. Eu e tu, Arnaldo, o que acontecerá conosco amanhã? Sexo? - Uma sonora gargalhada. - Fazem sexo no céu? Alguém aqui neste armazém entende de céu? - Continua a rir Margarida - E, se fazem, de que tipo é considerado sexo sem pecado? Se São Jorge me carregar pra sua cama...?

- Margarida não tem espelho - afirma Arnaldo.

- Perto do São Jorge eu sou uma garotinha. Sabem quando nasceu São Jorge? Olhem para o meu corpinho.... Sou muito, muito novinha para um homem da idade do São Jorge.

Permanecemos um tempo em silêncio observando o entra-e-sai das pessoas no armazém. Agora, começam a entrar apressadas. Deve estar perto da hora de fechar.

- Margarida, o que fica de mais importante, de mais significativo nesta nossa passagem pela vida? - Pergunto, porque é assunto que me interessa e ela viveu o bastante para se tornar a meus olhos uma autoridade no assunto.

- Passagem? Ora, você disse tudo. Uma passagem... a vida é uma rápida, rapidíssima passagem...

- Segundo Sartre, nós apenas “estamos” vivos, nós não “somos” vivos - digo eu.

- O que ficará desta minha existência? Sartre não explicou que a vida é uma piada? Porque se não fosse uma piada seria um absurdo. Mas é uma piada, é sim. O que ficará? Colaborei com o povo do circo. Sim, é isso. Carreguei adiante por um tempo a chama do povo do circo. E você, Arnaldo?

- Não gasto fosfato com filosofia de armazém... Uso minha mente para duas coisas apenas... como não sofrer muita falta de ar... e como não morrer na completa solidão.

3

Ando preocupado. A imprensa critica um plantonista do Hospital Psiquiátrico São Pedro: eu. Ainda bem que não citam meu nome. Os colegas haviam me informado que, em uma madrugada qualquer, eu poderia me deparar com um casal trazendo um menino de uns doze anos para baixar numa enfermaria para crianças existente no São Pedro. O menino não apresenta patologia que justifique uma internação, os pais é que querem se ver livre dele. Interrompem o jogo de cartas da

madrugada e levam o menino ao plantão simulando uma emergência.

Como previsto, numa determinada noite apareceram no meu turno. Fiz o que todos os plantonistas faziam, atendi-o e encaminhei-o para consulta no ambulatório pela manhã. Provavelmente a paciência desses pais se esgotou, mais uma vez não conseguiram seu intento. Foram à imprensa. Um jornal estampou uma foto do menino aparentemente desmaiado no colo dos pais, com críticas à insensibilidade do plantonista do São Pedro. Um comentarista na televisão aprofundou as críticas e lastimou não saber o nome do plantonista desumano para denunciá-lo à população.

Meia-noite: para o marido da zeladora, a atenta vigilância é a principal qualidade de um guarda-costas. Atenção para salvar a própria pele, pois ele anda sempre imaginando onde poderá se jogar para escapar de tiros. O sono me faz bocejar.

- Você não consegue algumas amostras grátis? Para o velho...

- Arnaldo?

- Sim.

- Há meses que não o vejo, aliás só falei com ele uma única vez quando aquela senhora do circo veio vê-lo.

- Seu dinheiro mal dá para a comida e nenhum familiar se interessa por ele. Pior ainda, tem enfisema. Precisa de oxigênio para respirar.

Solidão e falta de ar, lembro suas palavras no bar.

- Um pneumologista o atende por boa vontade. Deve ter percebido que Arnaldo só promete, mas não paga. Deve até na farmácia...

Antes de conciliar o sono, lembro o nome do representante da firma de material hospitalar. Com sorte, encontro-o amanhã no Hospital Espírita.

4

Felizmente, o diretor do Hospital São Pedro reuniu a imprensa e explicou tudo. Meu nome nem foi citado. Meio-noite, a água do chuveiro desce morna sobre meu rosto. Que alívio. Não gostaria que meus parentes, meus colegas de faculdade lessem na imprensa notícias negativas a meu respeito. Que ligassem a televisão e vissem cenas de uma criança desatendida por um médico insensível e desumano...

Visto a roupa que usarei pela manhã, fecho a porta de meu apartamento e com o tubo de oxigênio subo um andar. O

velho me recebe ofegante. Está mais velho ainda do que quando o observei na mesa do armazém. Seu apartamento não cheira bem. Peço licença e abro uma janela. O ar entra frio, é julho. Fecho a janela com medo de que cause uma pneumonia em Arnaldo.

- Não fui feliz com as mulheres... marinheiro...

- Como?

- O navio logo deixará o porto... a gente acaba afobado... escolhe qualquer uma... oceano é igual a solidão... estou morrendo num oceano.

Troco o tubo de oxigênio antigo pelo novo. Arnaldo deve estar falando assim por falta de oxigenação no cérebro. Depois de um tempo, achando-o com um aspecto mais rosado, declaro:

- Também penso assim quanto ao oceano. Há muito as histórias de marinheiro deixaram de me interessar. São histórias vazias e infelizes sobre os poucos dias passados nos portos.

Permanecemos calados por bastante tempo. Quando faço menção de me levantar, Arnaldo retoma a conversa.

- Em Boston deixei de ser marinheiro, não aguentava mais aquela solidão me corroendo por dentro.... Um amigo de

infância estava lá com seu circo, não nos víamos há décadas. Queria um emprego qualquer que me deixasse viver em terra. Já tinha passado dos sessenta anos. Mesmo sem entender nada de circo... não custava tentar.

- Recordações... – murmuro por entre bocejos.

É muito tarde e amanhã: "Levanta trabalhador! Levanta!"

- Duas atitudes de Alex em nossa infância foram fundamentais para a recuperação de minha autoestima. Seu pai, Alexsac, era um exímio equilibrista, desses que estendia um cabo de aço da torre da igreja mais alta até o décimo andar de um edifício localizado do outro lado da principal praça de minha cidade e por ele caminhava pé ante pé, com uma imensa plateia esperando sua queda. Foi com orgulho que vi a lona do circo sacudida pelo vento daquele outono frio de Boston. Alex progredira e isso me fez feliz. Seu pai era proprietário de um cabo de aço, de uma vara de dois metros e de uma bicicleta. Sim, uma bicicleta! Acredite ou não, ele passava de bicicleta pelo cabo, sem proteção nenhuma embaixo. Rede, bombeiros, essas coisas não existiam no número do grande Alexsac.

Bocejo novamente. Arnaldo não para de falar. Deduzo que seja o oxigênio novo.

- Entro na lona do circo no momento em que o tratador do urso polar sai com ele preso por uma corrente ao pescoço. Dou de frente com um homem baixo, atarracado, que usa uma chamativa gravata-borboleta vermelha. “No! No! Il circo sta cerrado”, fala com voz de tenor. “Procuro Alex, o proprietário”, digo. “Sono io!” “Tu?! Não me reconheces? Arnaldo!” “Como doveva? Afinal não deves ser tão famoso assim”.

Arnaldo ajeita melhor no nariz o caninho de plástico que vem do tubo de oxigênio e continua.

- “Alex, não lembras de mim?! Fomos amigos de infância!”, reclamo indignado. “Me fizeste pegar a vara de equilibrar de teu pai, andei alguns centímetros no cabo e me tornei alguém. Sim, deste então eu existi! Sim, os vizinhos passaram a me enxergar, na escola deixei de ser um objeto incolor e inodoro! Lembras?!” “No!” “Alex, por que falas nesse arremedo de italiano?” “Io passei toda a adolescência na Itália. É l’idioma che parlo meglio”. “Ora, pare de frescura, Alex. Você não passou a adolescência na Itália, você passou a adolescência comigo”. Meu antigo amigo, agora um velho como eu, me olha com seriedade: “Não passei na Itália?” “Claro que não!”

Meia-noite e trinta e amanhã: “Levanta trabalhador...” Arnaldo volta a ajeitar o caninho do tubo de oxigênio na narina.

- Alex caminha de um lado para outro e eu sempre atrás, colado nele, falo da igreja, do edifício de dez andares, da ventania que quase derrubou seu pai, da casinha que eu construíra em cima de uma árvore nos fundos de minha casa, do papagaio que gritava: “Aleluia! Aleluia, irmãos!” “Lembro, do papagaio eu lembro!”, exclama interrompendo o caminhar inquieto. Fui tão insignificante assim para Alex?! Sento-me no chão... Alex vai me reconhecer como gente! Ah, vai! Logo, logo deixarei de ser para ele um objeto incolor e inodoro. A vida passada no oceano só me reforçou a sensação de ser um nada. Afinal, quem é algo num imenso oceano? Um tubarão marca mais presença que nós humanos... Alex continua caminhando e gesticulando. Após uma hora, creio, senta-se a minha frente. Está calmo. Conta-me que seu pai falecera há muito, mas que lhe deixara um grande circo e o pedido de que nunca, nunca o deixasse cair. “Ah! Então foi seu pai que fez dinheiro na vida!”. Alex explica-me que fala assim italianado porque impressiona mais do que se falasse só em inglês ou se usasse expressões em português. Mas está agora numa crise sem precedentes. Está por um fio. Olha para o alto e chora de soluçar. Acredite ou não, inúmeras vezes olha para o alto e chora. Estaria rasgada a lona? Procuro ver.... só vejo escuridão.

Aliso com os dedos minhas sobrancelhas. Arnaldo aparenta cochilar. Aproveito e retiro-me mansamente.

Deito a cabeça no travesseiro. A gravura que vi na loja da rua da Praia... ah! que sono... um barco de madeira enorme acabara de ser retirado do mar... não só as cores e o seu realismo me atraem... a saída do mar, a volta para a terra... não nasci para ser... ah!... Marinheiro... prefiro... as histórias de circo...

5

Na noite seguinte, regresso tarde, como sempre. Sinto cansaço, mas não sono. O marido da zeladora, não o encontro. Na tevê, a mesmice: um gasto faroeste com John Wayne. Tomo banho e enfio um pijama. E Arnaldo? E sua história inacabada? Por que seu amigo dono do circo observa repetidas vezes o alto da lona? Visto por cima do pijama a roupa que irei usar pela manhã.

Sou recebido com um sorriso.

- Alex me leva a um restaurante em Cambridge, próximo à famosa Universidade de Harvard. “Meu filho, é um exímio equilibrista em trapézio...tem vinte anos,” diz enquanto

devolve o cardápio ao garçom. “Dei a ele o nome de meu pai. Há dois anos é o meu principal número. Sem ele o circo perde a idem...”, tosse disfarçando choro. “A idem...”, tosse. “A identidade...”

Parece um ator treinando a recitação de um texto.

- ...“Kafka escreveu um conto sobre meu filho”, retoma Alex a palavra. “Kafka?! Que Kafka?”, pergunto. “Não me diga que nunca ouviu falar de Kafka?! Nunca leu Metamorfose?! Dio mio! Tamanha incultura”. “Kafka autor de Metamorfose morreu muito antes de teu filho nascer! Em Viena. Como poderia escrever um conto sobre teu filho?” “Kafka morto?! Bem sabes que os gênios não morrem nunca!”

Arnaldo levanta e, a passos lerdos, dirige-se ao banheiro. Imagino um ator obrigado pela bexiga a interromper ensaio. Seu apartamento é do tamanho do meu, porém, por ser ainda mais despido de móveis, aparenta ser mais espaçoso. Retorna ofegante. Recostado em três travesseiros, ocupa-se com o tubo que lhe fornece oxigênio. Após um pouco de descanso, continua:

- Embarcamos em sua Lascerata e retornamos ao circo. Do picadeiro, mostra-me o ponto mais alto, a cúpula da lona. “Lá está meu filho. Há meses vive lá. Primeiro, por desejo profissional de perfeição, perfeição idêntica àquela que eu lhe

contava ter seu avô, do qual retirei seu nome. Depois virou costume. Todas as suas necessidades as realiza lá. A toda hora sobem e descem cestinhas.

- Ele dormia lá no alto? - Pergunto duvidando.

- Sim. Alex contratara alguns empregados para atendê-lo. “Ma, fa un mese que os artistas perdem a concentração”, disse-me ele sem perder a mania do falar italianado. “Erram seus números. Se acidentam, não querem mais trabalhar. Che posso fare io?” Põe as mãos sobre meus ombros. “Alexsax Neto está se transformando, dia após dia, no fantasma do avô”. Empurra meus ombros para baixo com força a ponto de eu me vergar. “Mi querido padre... Morrio perchè...” fez com a mão o desenho de um corpo que cai.

Arnaldo fecha os olhos e assim permanece. Aproveito para sair. Chegando à porta, ouço-o pedir-me que contate com seu pneumologista. Não lhe sobram forças para descer as escadas e ligar do telefone público que existe na frente do armazém. Arnaldo só tem forças para quase nada mais: ir ao banheiro com dificuldade, engolir algum alimento e contar suas lembranças aos poucos, bem aos poucos.

Desligo a luz e me meto na cama. Se meus dias não andassem tão tomados, com tantas pessoas a ouvir dia após dia, com tantos dramas a escutar, seria mais disponível para o

Arnaldo. Mas cansado do jeito que ando... E o seminário de amanhã sobre neuroses? Ao invés de ler Freud... escuto histórias de circo...

6

Enquanto o professor dirige-se a outra sala, um colega procura algum título na grande estante de livros que preenche as paredes daquela biblioteca. É ali, naquele local de sua casa, em torno de uma grande mesa, que o professor nos recebe todas as semanas. Ao longe escutamos sua conversa ao telefone em francês.

Também passo a procurar títulos entre tantos a escolher. O professor ri e eu brinco dizendo que a risada em francês é idêntica à em português. De repente, encontro Kafka, O cavaleiro da cuba. Seria este o texto referido por Arnaldo?

É meia-noite quando retorno ao prédio junto com o Kafka emprestado. Devo subir ao apartamento de meu vizinho de cima para contar-lhe da conversa com seu pneumologista.

- Estamos no segundo número da noite – explica Arnaldo - um homem amarra uma mulher numa grande roda de madeira. Enquanto ela gira com a roda, ele joga facas que se cravam em torno de seu corpo. Depois, amarra-a de bruços na roda e a açoita com um imenso chicote.

- Poxa!

- A mulher grita, geme de dor, de suas costas escorre o que parece ser sangue. Neste exato momento ouço um tiro. Acredite ou não, o homem do açoite é abatido! Sim, é abatido por alguém da plateia! Há grande alvoroço. Fico calmo, me adapto rápido a qualquer situação. Provavelmente alguém muito sensível não tolera ver a tortura por que passa aquela infeliz empregada do Grand Circo de Boston e, como nos Estados Unidos todos usam armas, num ímpeto de comiseração impensada, atira.

- Você viu mesmo isso acontecer?

- Alex, coitado, ainda tenta barrar a saída do público. É pisoteado. Seu filho começa o número do trapézio. Rapaz sensível, tenta ajudar o pai a não quebrar. O rapaz é perfeito. Sem dúvida, perfeito. Olhamos todos para o alto, boquiabertos. Sim, observo que todos, literalmente, olham para cima e estão com suas bocas abertas. O rapaz absorve tanto a atenção que só agora alguém se lembra de acudir o chicoteador baleado.

Arnaldo tosse.

- O doutor me mandou algumas amostras grátis?

- Ah! Sim. Trouxe-as, vou deixá-las aqui no bidê. Na próxima semana, o doutor disse que, se puder, virá te ver.

- O espetáculo termina. Meu amigo Alex deita-se no camarim, fora muito pisoteado e a todos recebe sem mover um músculo. A mulher chicoteada chora. Julga-se culpada pelo incidente. Sabia que grupos feministas de Boston estavam possessos com o número e, mesmo assim, exagerou nos gemidos. “Um gemido alguns decibéis acima e.... pum!”, diz ela, fazendo com os dedos o gesto de quem aciona o gatilho. Crê ter errado no gemido por culpa da presença de Alexsax Neto na cúpula. “Ele me perturba, me desconcentra, ele é um fantasma. E agora? Como fico? Quem vai me atirar as facas, quem vai me chicotear? Hein? Quem? Logo agora que estou com três meses de gravidez...”

- Três meses de gravidez?!

- Comove a situação de quase insolvência daquele que, há mais de meio século na ocasião, por uma ação desinteressada, recuperara a autoestima daquela criança tímida que era eu. Nem um músculo consegue mover. A umidade brota em seus olhos, único sinal de que vive. “Minha senhora - intervenho - eu a açoito, não se preocupe. As facas? Testamos

amanhã à tarde. Se minha pontaria for ruim, abolimos esta parte”.

- Sério?!

- Foi assim que iniciei, acredite ou não, minha carreira no circo.

- Por isso você conheceu a.... aquela senhora bem velha... a Margarida...

7

Concluo a última consulta no ambulatório da Divisão Melaine Klein do Hospital Psiquiátrico São Pedro e subo ao primeiro andar procurando uma sala de aula vazia. Já está anoitecendo e daqui a uma hora começará o seminário. Tenho tempo para ler o artigo “Psicose e epilepsia”, tema da aula. Pretendo ainda engabelar minha fome no restaurante existente no interior do hospital.

Porém, quando retiro de minha maleta o texto, vem junto o conto que Kafka escreveu em 1916, O cavaleiro da cuba. Cuba é uma vasilha dentro da qual se coloca o carvão, tão necessário para aquecer os dias frios. Naquele inverno de guerra, havia falta de carvão. Um homem parte com sua cuba

em busca da preciosidade que iria aquecer seu lar. No caminho, a vasilha lhe serve de cavalo e chega até a erguê-lo à altura do primeiro andar das casas. A carvoaria fica num subsolo e o homem da cuba voa alto demais. Tem dificuldades em se fazer compreender pelo carvoeiro. Suplica que lhe deem um pouco do carvão mais ordinário. A mulher do carvoeiro tira o avental e, com ele, movimenta o ar, e o homem da cuba oscila como se estivesse na crista de uma onda. A cada oscilação, ele sobe mais e voa para mais alto e mais longe. Não escuta mais as vozes do carvoeiro e da mulher do carvoeiro. Agora está no silêncio. Leve. E começa a ficar feliz. Voa em ondas além das montanhas de gelo, além do frio. Graças à mulher do carvoeiro, encontra algo bem melhor do que o carvão ordinário.

Não encontro relação desse conto com a situação de Alex. Deve ser outro o texto.

Meia-noite e lá estou eu empurrando a porta do apartamento de meu vizinho de cima. Há dias ele não a tranca com chave, uma caminhada a menos. Ou duas, porque, além de mim, o rapaz do restaurante o visita. Uma ou duas vezes na semana, o marido da zeladora vai retirar o lixo. A faxineira, a cada quinze dias. O médico, a cada trinta dias, creio. E seus parentes?

- Arnaldo, e o Kafka? Alex te falou qual era a história em que ele via semelhança com a de seu filho?

- Não disse que era semelhante, disse que era a história de seu filho.

Pede que faça sua barba com o aparelho elétrico. Como seu rosto aparenta o de meu falecido avô! Ou será que todos nós na velhice suprema nos tornamos iguais? Levo-o de volta à cama, seu braço já cabe entre os dedos de minha mão.

- Consigo uma cama no alojamento dos artistas. Deitado, me arrependo de ter me oferecido. Naquela noite sonho com aquela história da laranja na cabeça. Cabe a mim atirar a flecha e eu tremo. Acordo tenso. Para relaxar, caminho pela manhã ao longo do rio Charles. Remadores deslizam em seus barcos. À tarde, encontro a mulher açoitada. Conforme combinado, abolimos as facas, pois eu não consigo acertá-las sequer na grande roda de madeira. A maioria das que atirei, nem as achamos mais. Onde foram parar?

- Arnaldo, gosto do seu humor.

- Os problemas não param por aí. O indiano que se deita sobre cacos de vidro mostra as costas para que todos vejam o pedaço de um copo quebrado cravado próximo à coluna. “Desconcentração”, alega. Pobre Alex. Se, por um lado, seu filho é a alma do circo, por outro poderá ser sua ruína.

- Por que não tentavam convencer Alexsac Neto a descer?

Arnaldo troca de narina o caninho de plástico que vem do tubo de oxigênio. Presumo que busca ganhar tempo: a pergunta inesperada alterará o roteiro preparado em mais uma longa tarde de solidão?

- Acabo trepando pela corda de ascensão e sentando-me a seu lado apoiado na corda da direita. Inteligentemente, não me permito olhar para baixo. Apresento-me. Falo na admiração por seu avô e concluo: “O neto o superou. Seu número o deixaria encantado, se visse. Todos sonhamos em ser superados por nossos netos”. “O senhor já esteve num hospital psiquiátrico?...” - pergunta o rapaz. “Aqui... em Boston? Não. Por que perguntas?” “Só para saber”. Falo das dificuldades por que passa seu pai. Como seria benéfica a mudança de sua morada, da cúpula para, quem sabe, o picadeiro. Depois, o camarim. Depois, quem sabe, o alojamento dos artistas. Aos poucos, para ir se acostumando. “O doutor já esteve num hospital psiquiátrico?...” “Não. E não me chame de doutor. Por que perguntas?” “Só para saber”. Deço. Meu amigo de infância, ainda não de todo recuperado, caminha com o auxílio de muletas. Treina para ter forças de chegar ao picadeiro e se deitar nos cacos de vidros em substituição ao indiano. Ajudo-o. Após uma hora, com muita dificuldade, consegue não só caminhar como se deitar ao chão sem ajuda. Mas e levantar-se? Não, impossível se levantar sem ajuda. Convenhamos, não

pegaria bem alguém chegar arrastando muletas, deitar-se sobre os cacos de vidros e, depois, ter de ser erguido por três ou quatro enfermeiros. Lembro-me de que certa vez em meus tempos de marinheiro, em um hotel na Ilha de La Juventud, em Cuba, vi um homem idoso fazer este número. Levantou-se sem problemas. Não me parecera difícil. “Alex! Você foi determinante em minha vida. O que seria eu hoje com aquela baixíssima autoestima? Deixa que eu assumo o papel”.

- Você estava desistindo de viver, Arnaldo?

- Preciso que você fale de novo com o doutor. Deve haver outro jeito. Estou cansado do oxigênio. Tive diarreia.

- Sim, ligo amanhã pela manhã.

- Acredite ou não, tal decisão salvou minha vida. Ocorre que a feminista que atirara no açoitador - testemunhas afirmaram que fora uma mulher com chapéu de cauboi - está presente novamente ao espetáculo. Pelo menos, há alguém bem parecido. Quando me levanto dos cacos de vidro, minhas costas sangram, sangram, sangram.... Por mais que eu açoite com vontade a mulher amarrada na grande roda de madeira, suas costas não sangram como as minhas. A multidão presente, certamente, se penaliza daquele pobre artista de circo que, mesmo sangrando em abundância, tem de, provavelmente, sob pena de perder aquela chance única de trabalho, fazer um

brutal esforço para jogar com força aquele pesado chicote nas costas daquela mulher já acostumada a apanhar. Creio, sinceramente, que, se não fosse isso, teria a feminista me abatido como fizera na outra noite com o ex-titular do número em questão.

- Ah! Ah! Ah! - Minhas gargalhadas com certeza atingiram os ouvidos da vizinhança. - Você é fantástico, Arnaldo.

Ainda rio, quando, de volta ao apartamento, retiro do pacote a gravura comprada na corrida na rua da Praia: Barco de pesca sobre praia próxima a Scheveninger. Oito cavalos cansados acabam de puxar o barco do mar para a areia da praia. Barco de madeira, enorme, pesadão. Alguns homens ainda retiram as madeiras utilizadas para que o barco escorregue ao ser puxado. Assim que der, vou pregá-la na parede. Cavalos e homens, nenhum deles dirige o olhar para o mar.

8

No seminário relato as entrevistas que fiz com a jovem que secava as lágrimas com a ponta da saia expondo suas bonitas coxas, seu jeito neurótico de criar vínculos. Meu

manejo é considerado adequado, o que me faz concluir o dia satisfeito.

- Problema mesmo ocorreu com o engolidor de espadas – começa Arnaldo o capítulo daquela noite -. Ao engolir uma lâmina de sessenta e cinco centímetros, que no máximo lhe fazia cócegas no fundo do estômago, desta vez ultrapassou-o provocando-lhe um quadro de peritonite aguda.

- As coisas iam de mal a pior, Arnaldo.

- Antes de continuar.... Ando com problemas financeiros...

- E sua família, Arnaldo?

- Ah! Minha família! Tenho duas filhas e seus maridos.... Tenho também minha última esposa e a filha dela de outro casamento. Inventei de mentir que fizera um depósito no Banco de Boston... iria providenciar sua retirada... até isso acontecer pedi que me pagassem a conta do restaurante.... Por algum tempo pagaram, depois perceberam que eu não tinha nada... o tal dinheiro nunca aparecia... Pararam de me visitar... Melhor... quando apareciam aqui, só brigavam umas com as outras.... Nem sei por quê, pois perceberam que não tenho nada para deixar...

- Elas não se interessam por tuas histórias?

- Não escutam, só falam. Sempre escolhi mulheres com afobação... Marinheiro, pouco tempo em terra.... Meu fim, sempre suspeitei, seria acompanhado de muita solidão... estou a morrer no mar... não convivi com minhas filhas... somos conhecidos, apenas conhecidos...

Arnaldo tosse, custa para se entender com o tubo de oxigênio. Eu volto a lembrar a gravura. Ficara sabendo que seu autor, Anton Mauve, fora professor de Van Gogh. Para aprender, Vincent desenhara barcos e pescadores nessa mesma praia. Será que ele também os fez com as pessoas deixando o mar para trás? Arnaldo deveria ter abandonado a vida de marinheiro bem mais cedo. Pena que o circo entrou tarde em sua vida...

- Visitei o engolidor de facas junto com Alex na manhã seguinte no hospital. O cirurgião nos explica que a parede do estômago é quase tão fina quanto uma folha de papel. Na opinião dele, esse número deve ser proibido. Inclusive, ele sempre pensara que as espadas se recolhiam dentro de seus respectivos cabos. Alex sai magoado com o doutor: tanto esforço, risco, coragem e ousadia para pensarem que a espada se recolhe dentro de seu cabo?! “Pensam que a fraude rola solta?!” Quem substituirá o engolidor de espadas? Eu já estou suficientemente ocupado com meus números. Alex acaba de

me dizer que vai assumir o número do engolidor de fogo. “Já estou com dois números”, me defendo precavido.

Arnaldo persiste calado longo tempo.

- Desculpe, mas hoje... hoje não me vem mais nada à cabeça.

Caminho devagar. Paro numa dobra do corredor sentindo angústia. Arnaldo conta essas histórias pelo natural desejo de falar com outro ser humano sobre seu passado, ou faz um esforço para atrair a companhia de alguém e fugir da total solidão? Na escada, paro de novo: viria vê-lo na frequência com que venho se ele não me desse as histórias em troca?

9

Na bilheteria do teatro fico sabendo que só há dois lugares vazios, e no setor dos mais caros. Mesmo constrangido frente a minha companheira, com a qual curtia uma amizade colorida, desisto de assistir a Mercedes Sossa. O preço do ingresso é pretexto, é o circo de meu velho vizinho que me chama. Seu espetáculo é o melhor em cartaz, supera até mesmo Mercedes Sosa de quem sou grande admirador.

- Naquela noite, minhas costas sangram menos, mas o suficiente para novamente não ser alvejado ao praticar o cansativo açoitado. Alex adentra no picadeiro depois de mim, com a tocha de fogo. “Senhoras e senhores!” São suas únicas palavras porque, em seguida, enche a boca de gasolina e esguicha-a num jorro fino. Nada acontece. Noto que, por receio, Alex não aproxima a chama o suficiente para desencadear o fogo. Enche novamente a boca com gasolina. Creio que a encheu em demasia porque um filete de gasolina escorre-lhe involuntariamente da boca. Infelizmente a tocha está, desta vez, muito próxima dele. O pequeno filete inflama-se e a boca de Alex, cheia de gasolina, explode, provocando um belo clarão. Com o rosto em chamas, meu grande amigo de infância, o grande responsável por eu hoje abrigar dentro de mim uma razoável autoestima, joga-se ao chão e rola desesperado...

- Que horror!

- Ainda bem que uma senhora sentada na frente, retira seu casaco e com ele abafa as labaredas. Nosso engole-chamas é transportado por uma ambulância. Alex Neto, de imediato, principia seu apreciado número, e o público esquece a cena dantesca a que acabara de assistir. Sinto um frio descendo pela espinha ao me dar conta de que, após o número do trapézio, é a vez do engolidor de espadas. Quem vai fazê-lo? Adivinha?

Acho muito mais difícil engolir uma espada do que chicotear a mulher da grande roda de madeira.

- Só mesmo o Arnaldo!

- A lâmina fria do aço da espada impregna minha garganta. Mesmo com o aplauso caloroso do público, juro que nunca mais farei aquele número.

- Estou precisando sair, Jorge. Sinto que estou no fim. Num dia sem nuvens, me leve ao Morro Santa Tereza, quero ver o pôr-do-sol no Guaíba.

- No próximo final de semana...

- Também preciso de sabonete e de papel higiênico... Visitando Alex no hospital, vejo que sua boca é uma bolha só e, acredite ou não, sinto o cheiro de pelos queimados dentro do seu nariz. Noto também que uma sobrancelha sumiu por completo.

- O rapaz do restaurante tem vindo?

- Sim.

- E o oxigênio?

- Dura alguns dias... A situação... A situação do Grand Circo Alexsax é cada vez mais periclitante. Eu me nego a engolir uma espada sequer. Alex não tem mais céu da boca. Não encontramos ninguém com pontaria suficiente para permitir

que reativemos o número do atirador de facas na mulher da roda de madeira grande. Alex Neto continua na cúpula...

- Ainda?

- Subo lá mais uma vez e... nada. O circo irá falir. Já está malíssimo. A lona precisa ser trocada. “Só um número novo, arrebatador me salvará,” escreve Alex num guardanapo porque falar lhe dói de provocar choro...

Já na cama penso: que o circo falisse de uma vez! Aquelas pessoas poderiam encontrar profissão melhor. Ajeito o travesseiro. Procurariam outro circo, isso é o que fariam. Arnaldo, quem sabe, voltaria ao mar. As pessoas do quadro... noutro dia, empurraram o barco de volta ao mar. E os cavalos, como fazem para puxar o barco ao mar? Entram na água... ah! ... não adianta... veja eu: com certeza existem profissões melhores que esta que estou a começar...ainda é tempo... ah! ... que nada...

10

Na Abcal, finalmente, a senhora a quem eu não entendia, esclarece tudo. Como podia ela se queixar de formigamento nas pernas, dor na sola dos pés, vômitos

matinais, tremores nas mãos e não beber álcool e, mais ainda, ao exame físico não revelar nada correspondente a suas queixas? Simples, seu marido não tinha paciência para consultar. Induzida por ele, ela contava as queixas como se fossem suas. A medicação prescrita, ele a tomava. A senhora, num desabafo, confessa abominar este seu papel. O que fazem as pessoas para manter seus vínculos?!

Tomo meu lugar na cadeira de sempre, com aquela boa ansiedade de quem se prepara para assistir a mais um grande espetáculo.

- Deitado na cama do alojamento, me mexo para todos os lados. Levanto-me. Saio a caminhar. Pego o ônibus, depois o metrô e, quando vejo, estou no Zoológico. Todos gostam de dar coisas para os animais comerem. Não só as crianças, os pais das crianças e as avós das crianças, apesar de as placas serem claras: “Não deem alimentos aos animais”. Então, tenho a brilhante ideia que vai... com certeza... salvar o Gran Circo de Boston...

Arnaldo dorme.

Desço as escadas com sono. Reúno alguns textos que vou precisar no seminário de amanhã e me deito. Preciso melhorar meu apartamento. Sábado é dia da troca de móveis. Vou levar até a calçada este meu armário. Além de desbotado e riscado de tantas mudanças, é pequeno. Mas para alguém ainda

servirá... Nunca vi móvel nenhum ficar muito tempo na calçada sem ser apanhado por alguém...

11

No Hospital Espírita, há muita agitação na sala dos médicos. Um paciente que insistia em ficar baixado para permanecer com o benefício de receber sem trabalhar acaba de agredir com um soco um psiquiatra. Vejo meu colega entrando na ambulância, sangra, provavelmente nariz quebrado.

- Na época, com mais de sessenta anos, eu já era um pouco arcado para a frente... A vida de quem, em alto-mar, em plena tempestade, precisa mudar determinada carga do navio do convés para a popa sob o risco de afundamento, necessariamente, acarreta danos na coluna... Mas com os sucessivos sangramentos provocados pelos cacos de vidro que permaneciam fincados nas minhas costas por horas e horas, meus ombros se tornaram tão arqueados que eu chegava a parecer corcunda. E já enxergava pouco, de tal forma que

andava sempre esticando a cabeça para a frente, como o fazem as tartarugas.... Enfim, foi assim que eu adentrei no picadeiro para fazer meu novo número. O número que descobrira por ocasião de minha visita ao zoológico.

Para continuar a ouvi-lo, preciso arrastar a cadeira para mais perto de sua cama.

- Contava com a assertiva que dizia: as grandes invenções, depois de construídas, parecem simples. O que haveria de mais simples do que engolir coisas que a plateia me oferecesse?

Aproximo-me ainda mais de sua cama.

- “Senhoras e Senhores!”, grita com voz de trovão meu amigo Alex. “Aqui tem início o grande número que vai atrair toda a città di Boston. O número é....! O número é...! O velho que engole tudo!”. A plateia reagiu com um oh! De decepção. Esperavam qualquer coisa menos a bobagem proposta. Teria de me superar... Primeiro, foram as crianças que se aproximaram de mim com pipocas e amendoins. O público já conversava distraído. Houve um certo silêncio quando um garoto me trouxe uma tampinha de cerveja em lata. Pressionado pela decepção do público, fiz um esforço e engoli. Não foi tão difícil e, sem dúvida, o perigo era menor daquele que eu passara por ocasião do número do Engolidor de Facas. Naquela noite, ainda

engoli, acredite ou não, duas moedas, um par de meias, cadarços de tênis e um cortador de unhas. Só com o cortador de unhas é que o ruído diminuiu na plateia.

- Ah! Ah! Você é o máximo, Arnaldo!

12

Naquele sábado pela manhã, com a ajuda do marido da zeladora, levo meu armário até a calçada, no local tradicional da troca de móveis. Lá já estão um bidê e um cabide. Volto carregando o bidê. É vergonhoso não ter um bidê.

À noite, assisto a uma peça de teatro. Quando, a certa altura, a atriz principal se masturba em público, saio apressado em direção ao Grand Circo de Boston.

- Acredite ou não, passei a engolir ratos...

- Ratos?!

- Ratos vivos... Por mais que os ratinhos tivessem estrutura óssea, o mal era menor do que cortador de unha, chaveiros, latas de cerveja, etc. Me senti tão nauseado quando engoli, no ensaio, o primeiro que tive de abandonar a lona para respirar fundo e me recuperar.

- Não pode ser verdade o que você está me contando!

- Por isso, achei melhor engolir naquela noite meia-dúzia de rãs.

Arnaldo vai ao banheiro. Quando volta, observo o quanto anda cansado, esquelético, movendo os pés apenas alguns centímetros de cada vez. Tão arcado, tão arcado que os membros inferiores fazem com o restante do corpo um ângulo quase reto. Para enxergar aonde vai, tem de dobrar ao máximo o pescoço. Deita-se e continua em tom muito baixo:

- Pela primeira vez, em muitos anos, um número superou o do trapézio... Alexsac Neto apresentou-se nervoso pelo rumor que havia na plateia. Discutiam a quantidade de rãs que caberia no estômago de um ser humano. Terminado o espetáculo, Alex e eu nos reunimos. Quis, de tão grato, me levar a um restaurante fino, convite que rejeitei de pronto, estava completamente saciado...

Arnaldo pega no sono.

Observo-o antes de sair e penso: ele se descreve no número do Engolidor como está hoje. Quando voltava do banheiro, o vi tão arcado, tão arcado, em ângulo reto quase, assim como quando no circo... “esticando a cabeça para frente como fazem as tartarugas”.



É, Arnaldo, a vida é uma passagem... apenas o barulhinho do oxigênio no tubo interrompe o silêncio de meus pensamentos. Quem mora aqui no Alto do Bronze tem sorte, há silêncio à noite. Alto do Bronze parece nome pomposo. Que nada! Somos de um bairro de classe média. No máximo classe média. Aliás, este prédio não está bem no alto, deve ser considerado do Baixo Alto do Bronze. Existe esta denominação? Mas e Margarida, onde andará Margarida? Sua amiga Margarida, ainda estará nesta vida, Arnaldo?

13

Domingo, final do dia. Com esforço consigo conduzir Arnaldo pelas escadas. No Morro Santa Tereza, sem descer do fusca, apreciamos o sol se pondo. Meu artista de circo sorri.

Segunda, meia-noite, começa outro espetáculo:

- Nas primeiras duas semanas, tudo o que eu engolia era mais tarde regurgitado. Antes de engolir o primeiro rato, eu já havia regurgitado as rãs, evitava brigas. Antes de engolir as rãs, eu bebia um litro de água a fim de dar aos bichinhos uma queda mais amena. Depois desisti de beber. Não adiantava, nunca mais regurgitei. Meu número começou a ficar muito custoso.

- Ah! Ah! Esta é boa, Arnaldo.

- Antigamente eu usava sempre os mesmos ratinhos. Ratinhos brancos de pelo bonito. Eu os escovava com uma escova de dentes antes de engoli-los. O público gostava desta parte. Bons tempos... Desde que parei de regurgitar começaram a me trazer ratos que se pareciam com os que na minha casa de infância chamavam de “tuco-tuco”. Eles emitiam um som que parecia ser “tuco, tuco!” Nem sei se nos Estados Unidos existem tuco-tucos. Mas eu passei a chamá-los de “tuco-tuco”. Antes de começar o número, perguntava para Alex: “Quantos tuco-tucos conseguiste hoje?” Nos jornais de Boston, a meu pedido, meu número era anunciado como “O Engolidor de Tuco-tuco”! Sabe, quando a gente está no exterior, qualquer coisa que nos lembre o país de nossa infância... Sentia comoção quando me chamavam de Engolidor de Tuco-tuco... mesmo sabendo que provavelmente não se tratava de tuco-tucos...

Antes de dormir, vou ao dicionário Aurélio: “Mamífero roedor da família dos ctenomídeos. Da presença de cerdas

laterais pectíneas na palma do pé e da mão vem a denominação genérica de rato-de-pente. Cauda curta e unhas fortes. Tuco-tuco é pelo som que emitem”.

- Também chamam de cururu - me disse o zelador. - Não confunda com o sapo-cururu.

14

Tomo banho, visto pijama, coloco o chambre por cima, retiro o chinelo do bidê - sim, agora eu tenho um bidê! - e subo.

Antes do espetáculo de terça, conversamos sobre a visita do pneumologista:

- Estou acabado!

- Ele não deve ter dito isso.

- Mas estou. Sem dinheiro e, o que é pior, sem vida...

Arnaldo está com a pele acinzentada, seus músculos faciais não acompanham mais a emoção de seus relatos. Seu apartamento sugere inóxia quase total. Deve ter vendido boa parte dos poucos móveis. Talvez os tenha entregue em pagamento ao rapaz que lhe traz a comida.

- Quanto aos gastos comigo? Só quero um por cento da venda dos ingressos mais dez rãs e doze tuco-tucos por noite.

Não me incomoda nem um pouco o fato de Arnaldo emendar em seu pensamento passado e presente.

- Já tínhamos problemas com as feministas, passamos a ter também com os grupos de protetores dos animais. Mas o público aumentou em número.

- O doutor trouxe oxigênio?

- Para todas as horas que me restam...

- E o Alex Neto? Ainda na cúpula? – Dou-me conta de que, tanto ele quanto eu estamos mais voltados para as dificuldades que passa no circo do que para as que enfrenta na vida real.

- Aproveito a nova conjuntura para mais uma vez conversar com Alex Neto no alto da cúpula. Encontro-o visivelmente decepcionado com os seres humanos. Consolo-o com a frase: “Pássaro e verme, os homens nasceram para voar e para se arrastar”. Retruca ele: “Para se arrastar. Não olham mais para o alto”. Alcanço-lhe um lenço. Enxuga as faces por onde escorrem grossas lágrimas de criança. “ Você já esteve num hospital...” “Não. Por quê?” “Só para saber”. Observo que aquele jovem de dezoito anos não possui nenhuma ruga. Sua pele é de criança.

Quando, quarta à meia-noite, retiro os chinelos do bidê, pergunto-me: “Por que alguém se desfez de um móvel que ainda pode ser tão útil?” Aliás, para mim está sendo superútil, pois, sem armário, onde guardo minhas camisas? Minhas calças e cuecas? É claro, empilhadas sobre o bidê.

Quem vejo saindo do Grand Circo? Nada mais nada menos que aquele vizinho que, numa dada noite, me mandou à merda. O apartamento de Arnaldo tresanda a maconha! O velho percebe meu desagrado.

- Deixa eu explicar.

Permanece calado por tempo demasiado. Deve estar criando uma história para se defender de meu olhar.

- Naquela noite, Alexsac Neto, mesmo anunciado, não se apresenta, permanece em seu canto no alto da cúpula, indiferente aos apelos de seu pai. O público, é bem verdade, não se importa, espera ansioso pelo Engolidor de Tuco-Tuco, agora o espetáculo principal da noite.

Esfrego meus olhos com o dedo indicador.

- Aceito bichos trazidos pela plateia, como forma de onerar menos o circo. O que vejo? Pasmem! Uns rapazes deixam as arquibancadas do circo e se aproximam do picadeiro transportando, em grandes gaiolas, seis ratazanas imensas, brabas, daquelas criadas selvagens no sistema de esgotos das grandes cidades...

Quero só ver aonde Arnaldo vai chegar, penso torcendo pela sua criatividade.

- Olho para os ratos com ares de indiferença, tentando negar o meu pânico. Tenho uma ideia: solicito à plateia um cigarro, um cigarro qualquer... Sempre achei que era de maconha, porque o rapaz que gentilmente me oferece seu cigarro é parecido com este que você acaba de ver saindo daqui. Acredite ou não, nunca fumei maconha, a não ser hoje... algumas tragadas, apenas algumas.

- Você é muito esperto, Arnaldo. Muito!

- Não, não era maconha. Nunca saberei do que era, mas foi, provavelmente, o que me salvou naquela noite decisiva de minha carreira. Acendo o cigarro com o isqueiro de um senhor de um dos camarotes próximos. Agarrando o primeiro dos ratos brabos pelo rabo, solto-lhe várias baforadas no focinho. O bicho soluça, vomita uma gosma branca, esperneia durante alguns segundos e, por fim, se imobiliza. Então, eu o engulo.

Operação difícil e demorada, o rato é maior que a abertura de minha boca. Tenho de enfiar primeiro o rabo e as patas traseiras. O rabo, pelas contrações do esôfago, funciona como mais um elemento de sucção e, de repente, o rato todo num átimo desaparece.

- Fantástico, Arnaldo!

- O mesmo faço com o segundo rato. A reação da plateia? .... As mulheres da primeira fila, se bem lembro, todas elas, levantam-se em conjunto, incluindo as dos grupos feministas, e abrem caminho por entre a plateia à procura de ar livre. Um homem cambaleia por vários minutos antes de cair dentro do picadeiro.

- Ah! Ah! Ah!

- O problema é que mais do que três ratos daquele porte não cabem dentro de mim, um homem emagrecido e arcado em ângulo reto. A plateia sabe compreender a impossibilidade a ponto de, em coro, gritar: “Vomita! Vomita!” Claro, querem me ver engolir mais e mais ratos...

Pelo cochilar do Engolidor de Tuco-Tuco, percebo que o espetáculo daquela noite chegara ao fim. Antes de me levantar, ouço com dificuldade quando ele diz:

- Alexsax Neto está ali, no solo, fora da lona, jogando pedrinhas no pneu de um automóvel... no seu rosto há uma ruga...

No corredor, encosto-me ao lado de uma pequena janela pela qual vejo algumas luzes acesas em prédios próximos e deixo a tristeza tomar conta de mim.

Acordo não sei em que hora da madrugada. A fronha do meu travesseiro está úmida na altura de meus olhos.

16

Arnaldo morreu numa quinta-feira.

Nesse dia, como sempre, chego tarde da noite ao edifício. O marido da zeladora, meu amigo, está aflito.

- A parentalha de Arnaldo... está toda lá. Achei que ele estava de olhos fechados para não precisar conversar. Para mim, Arnaldo está morto. Jorge, você é médico, dê a notícia aos parentes...

No quarto à meia-luz, não distingo as feições daquelas pessoas sentadas em silêncio. São mulheres, umas quatro ou cinco. Arnaldo não tem pulso. A pressão do oxigênio

movimenta para cima e para baixo uma das narinas. Nada mais. Está gelado. Endurecido.

- Você tem razão – digo ao marido da zeladora no corredor. – Mas não serei eu quem vai dar a notícia.

No orelhão, informo ao colega pneumologista.

Início da madrugada, acordado em minha cama, ouço gritos. Depois, barulho de gente que sobe, que desce as escadas, que discute, que fala alto, que pede para que falem baixo...

17

Bem sei o quanto todos precisamos de vínculos. O menino de doze anos, para manter a relação com os pais, aceita simular uma doença e baixar no Hospital São Pedro. Alguns dias de hospício é preço razoável a pagar pela ausência de solidão. A bela jovem que, em meu atendimento no ambulatório, vi secar as lágrimas com a ponta da saia buscava, desse modo, que eu me interessasse por ela. E Arnaldo? Sim, Arnaldo soube evitar a solidão derradeira.

Descobri Dan Mannix e seu livro A avestruz humana, creio que dez anos após a morte de Arnaldo. Meu vizinho buscou suas leituras para envolver uma pessoa que confessara

não gostar da história de marinheiros e que visivelmente se interessara pelas de circo, desde a conversa conjunta com a Margarida no armazém.

Além de Dan Mannix, Arnaldo acrescentou uma pitada de Kafka, aquele conto sobre um artista de circo que não mais quer descer do trapézio. Quis, quem sabe, contribuir com o amadurecimento daquele jovem psiquiatra que eu era. Quis, quem sabe, que o jovem psiquiatra descesse das alturas a que comumente sobem os iniciantes, que deixasse a lona, que convivesse com as pedrinhas do chão e que permitisse espaço para o surgimento de, pelo menos uma ruga. Obrigada, Arnaldo.

Dia desses retiro um livro de minha estante e vem junto O cavaleiro da cuba. Com certeza, não entreguei a Arnaldo carvão para aquecer sua força vital. Não o tinha. Espero que tenha cabido a mim papel semelhante ao da mulher do carvoeiro, que, com o avental, movimentava o ar e faz o personagem de Kafka oscilar e voar para mais alto e mais longe. Espero, com meu interesse em ouvi-lo, tê-lo ajudado a, com sua rica capacidade de construir histórias com base em suas leituras, voar e ir bem além do gelo, bem além da fria solidão, a atingir aquilo que até então só existia na sua alta fantasia.

Além de povoar seu mundo interno com lembranças de pessoas de seu passado e personagens de suas leituras,

conseguiu povoar também o seu mundo exterior. Conseguiu para si um final de vida com um pouco de companhia, com uma breve mirada no pôr-do-sol do nosso Guaíba. Se fui útil a ele, foi o próprio Arnaldo que me fez útil.

Admirável! É a expressão que me vem sempre que lembro aquele rosto enrugado e pálido, que me fazia lembrar meu avô, imóvel numa janela um andar acima. Em algumas situações desta vida busco forças em seu exemplo, exclamo sem querer em voz quase-alta:

- Engolidor de tuco-tuco?! Que belo truque, hein Arnaldo!



## O TRUQUE DA GAUCHARIA

1

- David Coimbra – murmuro intrigado ao ler a ficha que a secretária acaba de me entregar.

Com as duas mãos, afasto as cortinas e, através dos vidros da fachada externa do prédio, vejo os edifícios, as casas, os pátios de sempre. Nada de novo na minha cidade, a não ser a construção da nova antena da rádio. Fecho as cortinas com vagar. Desde aquele incidente em que um puxão de mãos descuidadas me surrupiou tempo e dinheiro, fecho-as com vagar e delicadeza. Logo, logo, minha atenção estará concentrada em alguém que entrará na sala e se sentará no sofá a minha frente. Por enquanto, em minha mente segue a imagem do trabalhador que começou ontem a montar a nova antena da emissora de rádio. Pelo ritmo acelerado que imprime a seu ofício, deverá concluí-lo hoje. Encaixa uma peça em outra, que, por sua vez, se encaixa em outra, e assim vai subindo. Cada nova peça da antena que ele monta lhe serve de escada para galgar mais altura. E ele é bem gordo, porém parece leve tamanha a agilidade com que movimenta braços e pernas.

Dirijo-me à porta para receber o novo paciente, pensando na leveza do trabalhador da antena. Como se seu corpanzil fosse um balão, sim, um balão de ar encoberto por um macacão de mecânico.

Atenderei, em primeira consulta, um homem que se apresentou por telefone à secretária com o nome de David Coimbra.

Um paradoxo: o auxiliar do construtor da antena, que lhe alcança por meio de uma corda as peças, é homem muito magro e muito lento. A sua imagem lá embaixo é a de um fio, um fio de gente. Há quanto tempo não ouço a expressão “fio de gente”?

Cumprimentamo-nos. Indico-lhe a poltrona.

- O motivo de minha vinda é... desabafar um segredo... É mais que desabafar um segredo que guardo comigo há algumas dezenas de anos...

- Dezenas de anos?!

- Sim.

Tosse para limpar a garganta. Seu olhar se torna distante.

- Viajava sozinho e desacompanhado por região desconhecida, quase totalmente desabitada. A distância de um

povoado a outro variava de trezentos a seiscentos quilômetros. Você deve supor de que parte deste nosso país estou a falar. Uma região sem lei que, aos poucos, vem sendo tomada pela civilização. Sem rádio na caminhonete, sem revólver, sem precaução nenhuma.

Falar taquilálico, sem pausas, a não ser algumas grandes, para tomar o fôlego.

- O motor da caminhonete aquece e falha. Paro, desço e abro o capô. Tchê! Até hoje sinto aquele vapor quente borrifando meu rosto. Nem um rio por perto, a estrada é uma reta sem-fim de terra batida, numa planície interminável. Meu pai e eu estávamos certos: o futuro da agropecuária se deslocaria para lá. Minha missão era comprar uma área muito grande. Não revelarei detalhes de minha família, nossa origem é de cidade próxima daqui e desejo permanecer anônimo.

- Não há problema nisso.

Meu interlocutor respira ofegante.

- Quando se está sozinho num mundão sem-fim, acaba-se refletindo sobre a vida. Trinta e seis anos bem-vividos, se observares minha pele, perceberás que conto história antiga. Há pouco casara com uma boa mulher, mãe de um menino de seis anos, meu filho por adoção. Planejavamos mais filhos. A vida no campo, em torno do gado e da plantação me agradava.

Quando jovem estudara alguns meses na Inglaterra. Fora meu pai quem me estimulara a esta e outras viagens: necessárias, segundo ele, para me desasnar um pouco. Enfim, meu balanço de vida era positivo.

Novamente ofegante.

- Telefone celular?! Tchê! Naquela época quanta coisa não havia. De que adiantaria esperar? Ligo o motor e piso devagar o acelerador. Mesmo falhando, continuo. Tenho sorte. E a sorte é meu azar. Um azar que depois viraria sorte.

- Como?

- É a passagem de minha vida que mais refiz mentalmente. Sei descrevê-la nos mínimos detalhes.

A fala já não é mais atropelada.

- Encontro uma porteira aberta, viro para a direita e entro. Entro como se estivesse montado num cavalo velho e doente que a qualquer momento vai estancar e morrer. A vegetação é baixa ao largo da pequena estrada que dá para o que imagino seja a sede de uma fazenda. Ando três quilômetros em meio a arbustos e poeira. Até que a caminhonete estanca e morre. Aí começa minha história, história que eu havia decidido nunca contar.

Procura conter uma tosse seca.

- A gente se atraiçoa. Após o segundo infarto... a vontade de falar... Estou a romper promessa que fiz a mim mesmo.

Arregaça vagorosamente a manga da camisa. Respira fundo. Usa óculos de grau de aro preto. Tem o rosto bem barbeado. Os cabelos são pretos e cuidados como quem vem diretamente do cabelereiro. Poucas rugas na pele. É um homem de peso compatível com sua altura mediana e que revela uma discreta vaidade ao vestir camisa branca bem passada. A sua voz é de um velho. Também a sua seriedade. Parece-me ser um competente narrador de histórias.

- Saio a caminhar pela minha fazenda e, quando bem longe e bem sozinho, conto meu segredo em voz alta. Não adianta, continuo com vontade de contá-lo. Não basta contar, necessito contar para alguém. Se o fizesse para algum amigo ou familiar me sentiria derrotado. Um fraco que não consegue guardar segredo. Viajando por estas bandas, alguém me falou de ti por outro motivo. Algo me disse: “É este que vai me ouvir”. Não é propriamente derrota contar um segredo para alguém que vai guardar segredo e que nunca vai saber quem eu sou. Se contar, contará sempre como uma história, uma história sem nome, sem endereço, terá sempre dúvida se estará falando de fatos reais ou da invenção de um maluco qualquer.

Tosse com um lenço branco a tapar a boca. Pelo seu olhar, deduzo esperar uma confirmação quanto a minha discrição.

- Além da ética profissional e do costume de calar, acrescente-se também que, após tantos anos ouvindo as pessoas...

- Não ouve mais novidade?!

- Ia dizer isto... calei porque me dei conta de que não ouço todo dia alguém com um segredo tão bem guardado e há tantos anos... Tamanha determinação me desperta mais curiosidade que o próprio segredo.

- Devo romper com o trato que fiz comigo mesmo de morrer calado?

- É disso que devemos falar.

Passa a mão pelo queixo e me examina de alto a baixo. O silêncio é substituído pelo ruído abafado do trânsito e pela respiração ruidosa desse homem singular.

- Tchê! Até que você parece inteligente.

Estica as pernas como se estivesse a espreguiçar-se, o que me leva a observar seus sapatos pretos bem lustrados. Deve frequentar lugares finos.

- Sempre me orgulhei de não precisar contar a façanha que fiz ao deixar a caminhonete e seguir a pé por aquela estrada deserta de fazenda. Agora que vou morrer em breve, o segundo infarto atingiu uma área grande do coração, talvez tenha de me submeter a transplante... Às vezes... edema nos pulmões... Agora, de que adianta me orgulhar...? Caminho com dificuldade... canso ao falar... A vida é assim, termina... Já perdi meu pai, minha mãe, minha mulher há dois anos e outros parentes e amigos mais. É da nossa natureza o fim. Quer eu goste, quer não, está chegando minha hora.

Retira os óculos e passa lentamente a mão nos olhos.

- Tchê! Ser um herói de si mesmo?!

- Li um livro com este título! – Digo de sopetão.

- Sobre um caçador de urso?

- Acho que sim.

- Na Groenlândia, se não me engano... Passava o inverno sozinho, meses e meses de escuridão isolado numa casa de gelo. Quando o sol ressurgia e o urso saía da hibernação, o caçador já estava em local privilegiado para alcançá-lo. E o caçador nunca pensou em escrever ou contar sua história. Vivia assim porque vivia assim. Era um herói de si mesmo. Sua história, contada creio que por um jornalista, me sensibilizou.

- A mim também.

- Hum... o mundo é pequeno.

- Talvez ambos sejamos atraídos pelo ato humano heroico em si, não por sua repercussão na mídia.

- Dia desses pensei: “Os seres comuns contam suas façanhas, divulgam na mídia... Eu? Sou um ser superior? É este orgulho bobo que estou querendo manter? Ou é o contrário, quero revelar para aproveitar alguns minutos de admiração narcisista?” Como me mantenho em dúvida, o escolhi. Um ser humano, sim, mas um ser peculiar. O psiquiatra é alguém que, mesmo não sendo de minhas relações, vai me escutar. Conto para um psiquiatra e vejo como me sinto. Se me arrependo, é como se não tivesse contado. Diferente se o faço para um filho...

- Tamanho segredo... há mesmo quanto tempo você o vem guardando?

- Estou com sessenta e seis anos... trinta anos.

- Ouvi direito?!Trinta anos?!

- Primeiro o omiti por razões fáceis de compreender: proteger a minha vida e a de meus familiares. Depois de uns vinte anos, tal risco diminuiu muitíssimo. Mas e daí, contar por quê? Para me gabar?

- Fica claro que não desejas obter ganho algum com o ocorrido...

- Se o quisesse, desmereceria um momento em que fui louco, mas humano, nunca fui tão humano...

- Você é um grande narrador, me fisgou.

- Pode ser história inventada, hein, doutor? Como é que você vai saber?

- Não tenho como saber.

- Passados todos esses anos, se contasse para alguém das minhas relações...

Tosse.

-...pensariam tratar-se de uma fantasia megalomaniaca de um quase-moribundo ávido por um olhar de admiração. Enfim, não há nenhum motivo lógico para contar esta história. Mas estou ansioso para desabafar. Temo que, se não o fizer aqui, com um profissional, vou acabar contando numa mesa de bar. Ou melhor, em ambiente que venho frequentando com mais assiduidade ultimamente... as salas de velórios... os cortejos fúnebres... minha geração está se indo...

Distraio-me lembrando o enterro de um amigo, pouca gente, chovia...

- Nossa vida é muito curta – comento ao perceber que ele notara minha distração – somos como moscas. Uma curiosidade: por que escolheste este nome como disfarce?

- David Coimbra? Talvez... por já tê-lo lido. Ou porque gosto de futebol. Não importa.

- E por que escolheu a mim e não outro colega?

- Ouvi um amigo dizer que havia consultado contigo e que você parecia cansado. Pensei: se um psiquiatra não anda cansado não é bom psiquiatra.

- É um critério meio...

- Não importa! Vamos à minha história porque eu não tenho muito tempo. Só pretendo vir aqui duas ou três vezes, e isto se você puder me receber amanhã e depois.

- Com a minha curiosidade atiçada desse jeito!

- O índio velho aqui tá começando a gostar! Bem, vamos falar de uma vez antes que um infarto me cale. A caminhonete pifou... era aí que eu estava. Desço e caminho transpirando, lá sempre faz calor. Após uns mil metros, diviso, ainda longe, um galpão e uma casa pequena, com aspecto de abandonada. Não estaria perdendo tempo em caminhar até lá? Não seria melhor voltar? Decido, não sei por quê, continuar a caminhada. E se eu tivesse optado por voltar dali? Enfim, chego lá. Sou recebido

por um sujeito armado com revólver e espingarda que me olha como se eu fosse um marciano. Em seguida, aparecem mais três, também fortemente armados. Explico o porquê de estar ali. Começam a rir. Um deles entra no galpão e sai dirigindo uma caminhonete. Os outros me convidam para sentar ali mesmo, num tronco de árvore. Tento puxar conversa, eles só dão risadas. Me oferecem um cigarro, não fumo. Tchê de Deus! Quanto mais os observo, mais tenso fico. Barba por fazer, frieza no olhar. Pergunto o motivo de não dialogarem comigo. Um sugere a outro: “Vamos fazê-lo cavar a própria cova e a dos garotos”. Tchê! O sujeito com a caminhonete está de volta. Confirma ter encontrado a minha e diz que conseguirão um bom dinheiro por ela.

- Que situação, David!

- Se quiser dizer “que situação!”, diga: “que situação!”, mas não diga David! Tchê! Não me chamo David!

Tosse com lenço na frente da boca, seu rosto está vermelho.

- Desculpe, interrompi teu relato.

- Desculpe minha inelegância. Quando lembro aquilo tudo, me invade uma raiva... não passa de uma pequena amostra da raiva maiúscula que senti lá. Duas adolescentes e um menino de uns dez anos são trazidos do galpão. Mãos

amarradas... tremem. Todo aquele calor e eles tremem. Não sei se vou continuar te contando.

- Espero que não seja o que eu estou imaginando!

- Você tem o direito de não querer ouvir. Posso ir embora agora.

- Me será sofrido ouvir, mas quero que continue – consinto mesmo sabendo que de uns anos para cá, não sinto mais a espécie de heroísmo que sentia por suportar ouvir toda e qualquer tragédia.

- Está findando a tarde e eu, com uma pá, cavo a cova das crianças e cavo a minha própria cova. Antes, não preciso dizer, havia levado tapas e pontapés. Cavo e observo que os quatro monstros sorriem. Tenho a sensação de que eles vão estuprar as meninas e isso me parece ainda pior do que matá-las. Uma fúria faz aumentar o tamanho de minha cabeça. “Vou morrer mesmo, então é melhor morrer lutando”. Não, não penso nada disto, não faço reflexão alguma. A cova já deve medir meio metro quando salto e bato com a pá na cabeça do bandido mais próximo!

Pula da poltrona e faz gestos tão enérgicos que nem de longe parece um velho com coração enfartado e pulmão edemaciado.

- ...corro dobrando um canto da casa e entro num pequeno mato existente nos fundos. Um mato de merda, que logo termina. O barulho de água corrente me prepara para o encontro com um rio. Ouço tiros. Um dos meus ouvidos dói, estou quase surdo. Me atiro na água e mergulho. Descalço as botas e as prendo na cintura. O rio deve ter uns quarenta metros de largura. Alcanço a outra margem e volto a ouvir um pouco melhor. São tiros e imprecações que vêm do outro lado da margem. Calço as botas e corro por entre os arbustos para longe do rio. De repente, resolvo dobrar à esquerda, em direção à rodovia, na esperança de conseguir uma improvável carona e fugir. Os bandidos, dou-me conta, não esperam que eu faça outra coisa. Mudo de sentido, corro paralelamente ao rio, para o lado contrário ao da rodovia. A vegetação é repetitiva, apenas arbustos e, de vez em quando, um aglomerado de árvores junto à margem. Não consigo mais puxar o ar. Paro, ofegante. A irritação sumiu. Sinto, além de falta de ar e de uma dor na orelha esquerda, um profundo desânimo... uma tristeza arrasadora.

Volta a sentar.

- Me sinto como um galho solto, uma pedra. Deito por inteiro no chão. Aos poucos, a respiração se normaliza. Ouço o barulho da água a correr. A orelha continua a doer. Estou zozzo. A água a correr me traz uma sensação boa. É noite, mas

não muito escura. Relaxo, sinto vontade de urinar e urino. Me urino, pois não me dou ao trabalho, sequer, de mover os braços para abrir as calças.

Baixa a cabeça lateralmente até que sua mão esquerda, cujo cotovelo está escorado na guarda da poltrona, consegue alcançar o lóbulo da orelha. Assim permanece, calado. Depois, lágrimas umedecem seus olhos.

- Uma sensação de absoluta paz senti naquele momento em que, deitado por inteiro, parei de ofegar e me urinei ouvindo o lento correr da água. Nunca mais senti tamanha paz...

Meus olhos estão úmidos.

- Doutor, em que horário posso vir amanhã?

2

Nessa noite, me sinto deprimido e inundado por pensamentos do tipo: o ser humano não merece ser preservado. Uma cena dantesca deve ter ocorrido na outra margem daquele rio. E o David que não é David, deitado, espichado, urinado, impotente frente ao barbarismo que se passava bem perto dele. Terá ele ouvido o grito de dor daquelas crianças? Como

gostaria de não precisar ouvir o que ele iria me contar no dia seguinte.

No outro dia, para receber sem ansiedade o David que não é David, tento assumir a identidade do observador neutro que vai pesquisar como um ser humano consegue conviver com o fato de nada ter podido fazer para evitar que três jovens fossem estuprados e assassinados. Culpa-se pelo resto da vida? Para ele, nossa espécie ainda tem algum valor? Sei que procuro me defender, que me coloco de fora da cena descrita, como um mero observador, como um cientista que detecta as agressões de uma inviável espécie animal.

Afasto as cortinas do consultório. Primeiro direcionado em diagonal para baixo, perco o olhar por entre telhados antigos. Do outro lado da estreita rua XV de novembro, as casas continuam as mesmas. Nem sempre habitadas, é verdade, pela mesma joalheria, pela mesma clínica de psicologia, pelo mesmo cabelereiro. As trocas frequentes de inquilinos geram novas fachadas e as cores ganham mais vida, mas nada que provoque estranheza. E os velhos telhados, estes nunca mudam. A não ser uma única vez, numa manhã fria de junho, quando, por não ter sabido do início da nevada, fui surpreendido ao afastar as cortinas. O branco pintava desordenadamente aquelas telhas antigas, serenas, resignadas, e fazia com que eu as admirasse mais uma vez. Em contrapartida, quando ergo a cabeça e olho

em linha reta, exclamo em pensamento: “Como a vida está sempre mudando!” O palco escondido por minhas cortinas, na estreia, apresentava um ou outro edifício, predominava a visão de um fundo de coxilhas cobertas de verde. Agora, o campo, só o vejo por uma fresta e já cortado por uma perimetral. Por entre o verde longínquo passa ora o que me parece ser um ônibus, ora o que talvez seja um enorme caminhão, que imagino comprido e irritado como costumam andar os caminhões em nossas estradas, apressados e reclamando do baixo preço do frete e do alto custo dos combustíveis. Carros, não os discrimino, são demasiado pequenos. Há uma novidade: a torre da rádio já está erguida e pronta. O gordo ágil e o lerdo magro, não os vejo mais.

Fecho as cortinas e afirmo para mim mesmo: “É fantasia deste homem. Isso de fato nunca aconteceu”. Antes de recebê-lo, porém, sou assaltado pela dúvida: “Quem sabe é verdade...?”

- Deitado, urinado, em paz. Jorge... posso chamá-lo assim?

- Claro. E eu, como devo chamá-lo?

- Deixa ver... David, chame-me de David mesmo. Ou melhor, como quero ser diferente do David Coimbra chame-me de Deivid. Um nome escrito com “ei” no lugar do “a”.

Sorrimos brevemente.

- Voltando àquele homem urinado e espichado no chão... em paz. A paz, Jorge, a paz continua, porém, a razão para a mesma mudou. Primeiro, a paz era por eu estar descansando, por estar vivo, por achar que havia escapado. Mas isto foi apenas por alguns segundos. A paz passa a ser por uma razão muito maior: por que se preocupar com a minha vida, com a vida daquelas crianças, com a vida humana, se tudo vai mesmo acabar? Os filhos que eu ainda vou ter vão um dia morrer, sumir para sempre. A terra vai esfriar e nossa espécie vai se extinguir. Ou uma guerra atômica... E qual é o problema em ela ser extinta? Não vale nada mesmo! Tudo é um nada. Por que abrir o botão da bragueta para urinar? Por que levantar dali? Por que se esforçar para recuperar o fôlego? É a paz de quem não sente motivo para mover um músculo sequer. O descanso de quem já morreu. Tudo morreu. Porém, quando me convenço de que nada realmente vale a pena ou tem sentido, me sinto seguro. Tão seguro como nunca havia me sentido. Levanto-me. Meus olhos já se adaptaram à noite. Nada me dá medo. Caminho até a beira do rio. Há um pouco de areia. Penso: “Vou-me embora. Vou fazer uma volta grande e alcançar a estrada. Amanhã pela manhã devo conseguir alguma carona. Minha mulher me espera, meu pai, o filho de minha mulher, que eu já considero meu também. A vida é uma bobagem, mas, sendo assim, vamos vivê-la enquanto dá, com calma sem esperar nada”. Caminho alguns passos. Paro. Meia

volta. Então... não sei o que se passa comigo. Choro a minha morte, a morte de todos os que eu quero bem, a morte da vida. Nunca senti sofrimento tão grande e isso tudo em um lapso muito curto de tempo. Não sei o que se passou comigo, trinta anos não foram suficientes para eu entender.

Tosse. Respira fundo.

- Entro no rio com as botas presas na cintura e nado lenta e silenciosamente até a margem de onde fugira sob chuva de balas. “Não vou deixar estas crianças assim. Ah! Não vou! Mas você vai morrer”, digo para mim mesmo enquanto dou mais uma braçada. “Você não é lutador. Para a idade tem boa saúde, é verdade. Joga futebol, às vezes corre. Mas nunca aprendeu luta. Mas... Tchê! Sou determinado, aguerrido... bobagem”, debato comigo mesmo, “pois você vai enfrentar bandidos extremados, especialistas em lutar, atirar, trucidar, estuprar, matar”. Saio do rio e digo: “Eu sei que vou morrer. E que importância tem isto? Nenhuma! Absolutamente nenhuma importância!” Caminho a passos rápidos em direção ao galpão. Reparo ser lua nova, dá para se enxergar alguma coisa. Sou tomado por euforia. Sim, euforia! Mas me resta um mínimo de sanidade, pois chego a balbuciar: “Estou louco”. Recordo, eufórico, os gaúchos antigos, que por nada deste mundo abriam mão de uma boa peleia. “Sempre me senti um pouco como eles, quem sabe é por isto que minhas pernas me

levam para onde me levam”, digo em pensamento. Já estou a fazer o contorno do galpão. Quando alcanço sua abertura, vejo que não há carro algum ali. Saíram com a caminhonete? Provavelmente foram me procurar do outro lado do rio. Deve haver algum pontilhão por aí. Na dobra do galpão espio: as crianças amarradas no chão e mais ninguém. Com certeza não acharam necessário deixar alguém de guarda, pois jamais imaginariam que eu iria voltar. Só um louco arriscaria a vida para tentar salvar desconhecidos. Olhando melhor, vejo o corpo daquele que eu acertei com a pá. “Deve estar morto”, penso. Desamarro a garota maior e peço que desamarre os demais. Na cintura do bandido atingido pela pá encontro um revólver e uma faca. Me aposso de ambos. Passo o dedo de leve pela lâmina da faca. Ato contínuo, ergo com o pé o queixo do morto, aprofundo a lâmina em sua garganta e a faço correr de orelha a orelha, numa degola à moda crioula para ter certeza de que este não mais me atacará.

Deivid cala-se e observa minha reação.

- Degolei um morto. Dá para entender por que degolei um homem que eu já havia matado?

Sei que ele não quer resposta para suas perguntas e eu não saberia mesmo o que dizer de tudo aquilo.

- As três crianças estão mudas. O pânico é tamanho que nem reação esboçam. Nuas, as pobrezinhas.

Seu olhar resume profunda tristeza. Tosse e continua.

- Quando dobramos o canto do galpão, tenho a impressão de ver o reflexo de uma arma. Peço para a mais velha levar as outras duas para trás de uns arbustos que diviso para além do galpão. Dou meia volta. No canto do galpão espio e vejo um dos facínoras examinando o local onde estavam amarradas as crianças. Deduzo que dois foram de caminhonete a minha procura e que este, quem sabe, foi me caçar ao longo do rio. Ele grita alguns improperios, anda de um lado para outro e, de repente, corre na direção do galpão bem onde estou, carregando uma espingarda. Quando ele está a poucos passos, saio correndo com a cabeça abaixada e finco-a como um tronco em seu abdômen. Caímos. O impacto me faz sentir que se trata de um homem bastante musculoso, muito mais forte do que eu. Mas naquele momento uma raiva maiúscula me dá uma energia brutal e, por instantes, sou mais bandido que ele. Ah! Bem mais! Fico em pé antes dele e, quando ele principia a erguer a cabeça, desfiro um pontapé em seu rosto, com toda a força do mundo, com o bico da bota. Cai estirado no chão e eu agarro a espingarda com as duas mãos e finco a coronha em sua cabeça não sei quantas vezes. Até não aguentar mais de

cansado. Muito sangue, como sai sangue de uma cabeça! E degolo-o! Mais um morto degolado à moda crioula!

Estou a torcer por aquele homem que, em pé, faz gestos de quem finca a coronha de uma espingarda num ser imaginário estirado no chão do meu consultório.

- A passos lentos me dirijo ao arbusto onde estão as crianças. Eu e minhas armas: espingarda, revólver e faca. Abraço-as ainda ofegante e elas começam a tremer e a chorar baixinho. O menino pergunta se eu fui enviado por seu pai para salvá-los. Sorrio e confirmo. Aos poucos, começo a tremer tanto quanto eles. Afasto-me um pouco para que não percebam. Conto que só faltam dois bandidos, acabei de despachar mais um. O menino diz que viu minha luta. Pergunta se sou do FBI e eu confirmo. E acrescento que tenho treinamento para vencer doze homens e que só faltam dois, portanto, não será tão difícil.

Dou risada com lágrimas nos olhos. Deivid também.

- Falo com as crianças tentando esconder que tremo por inteiro e que não consigo parar de tremer. Elas, agora, tremem menos que eu. A presença do agente do FBI tranquiliza-as. A mim não. Volto a lembrar os gaúchos e aí ressurgem a euforia e o paro de tremer.

- Você cultiva as tradições? – Me arrependo de interromper seu relato.

- Sou declamador. Aliás, era. Cheguei a decorar partes do Martin Fierro.

Volta a se sentar.

- Bem depois me dei conta de que naquele dia fui trocando de identidade e me transformando num gaúcho. Um processo inconsciente: o gosto pela peleia me surgira sem minha vontade consciente e as degolas nem sei por que as fiz. Só as conhecia em leituras. Tenho a impressão de que houve um momento em que eu tive alguma consciência de estar tentando aprofundar a transformação. Onde mais iria encontrar forças naquela situação? Mas não tenho certeza, Jorge. Pode ser algo que minha imaginação acrescentou aos fatos reais. Nesses anos todos, passei a declamar algumas passagens de Martin Fierro como se um código fosse. Era como se conversasse com José Hernandez sobre algo que eu não poderia falar com ninguém mais.

Em pé, declama procurando não erguer a voz.

- “Por dura que seja a sorte, nem há que pensar na morte, senão em vencer a vida”...

Volta a se sentar. Pede um copo d’água. Pelo telefone, solicito-o à secretária. Aguardamos em silêncio. Ao longe, o

barulho abafado do trânsito. Na sala, a inspiração estridente de Deivid.

- “Façamos, pois, cara feia para os males, companheiro” - murmura Deivid, continuando a recitar Martin Fierro.

Estou impressionado com este homem que sofre para respirar!

- Não posso afirmar, mas creio firmemente que, enquanto buscava com os músculos e a inteligência salvar aquelas crianças e a mim, eu recitava Martin Fierro. E por aquela época eu havia lido um texto de um inglês em inglês - quando adulto jovem, morei meio ano em Londres - sobre o gaúcho. Nunca vi alguém descrever tão bem o gaúcho.

Bebe devagar o copo de água trazido por minha secretária.

- Jorge, por hoje me desculpe, minha história já me esgotou.

Leva com dificuldade o copo à boca, a mão treme.

- Se você me permite - continua - vamos usar o tempo que ainda temos falando sobre este inglês.

- Claro, claro.

Nunca tivera uma aula tão instigante sobre o gaúcho. Deivid me conta que um escritor inglês, galês, de quem eu nunca ouvira falar, chamado Richard Llewellyn, autor do romance Como era verde o meu vale, enamorou-se da Argentina quando visitou as colônias galesas da Patagônia. Então, estudou o gaúcho do pampa argentino e publicou um artigo sobre o assunto na revista Sports Illustrated. Para Richard, o gaúcho era, de fato, uma raça de esportistas. Aficionados ao esporte radical, à adrenalina.

Deivid, mais tarde, deixa com minha secretária algumas folhas de fax com um resumo traduzido do artigo do inglês acrescido de algumas ideias suas.

3

À noite, acomodo-me na cabeceira da grande mesa de madeira torneada de meu escritório, herança de meus antepassados, e principio a ler com interesse aquelas folhas.

O gaúcho, termo que talvez signifique “órfão”, começa a existir no século dezessete, provavelmente já nas primeiras

décadas. Resiste até o início do século vinte, quando a mudança nos meios de produção o extingue.

Percebo que, dali onde estou, minha imagem se reflete no quadro-espelho da sala. Até então não me dera conta de que isso era possível, bastando manter aberta a porta da biblioteca. Não me vejo com nitidez. Acho-me parecido com Deivid. Percepção estranha. Sei que não o sou.

De volta ao texto, leio que o gaúcho nasce da mistura do europeu com o índio do Cone Sul da América do Sul. Do português ou do espanhol com o índio. Na Colônia do Sacramento, Uruguai, nas margens do rio da Prata, na época dominada pelos portugueses, forma-se o primeiro núcleo de gaúchos. Mas isso, talvez, seja difícil de precisar. O fato é que, onde há europeu, índio e gado reiuono, gado sem dono, silvestre, solto em grande quantidade, aí é que surge o gaúcho. O homem europeu começa a se acasalar com a índia e nasce dessa mistura um povo com mentalidade européia e habilidade indígena. O europeu não sabe fazer nem se dispõe ao rude trabalho de reunir o gado silvestre. O índio, que tem habilidade para isso, não se interessa, não vê necessidade disso. O filho do europeu e do índio, este, sim, reúne as condições para movimentar a economia do gado. A carne e o couro têm mercado na América do Sul e na Europa. Os filhos de europeus com índios começam a caçar o gado e a trazê-lo à Colônia do Sacramento. E nessa

lide vão se construindo gaúchos e vai se formando, aos poucos, um povo.

Talvez nunca tenha reparado na possibilidade de me ver de onde estou refletido no espelho porque raramente minha mesa está vazia como hoje. Habitualmente, meus olhos não alcançam o espelho porque são pegos no meio do caminho por livros, cadernos, grampeador de papel, globo de plástico...

O gaúcho trabalha por empreitada. Serviço difícilimo: reunir gado chucro, domesticá-lo, transportar tropas por longas distâncias. Uma seca prolongada ou inverno gelado podem matar milhares de cabeças de gado. O gaúcho vale muitas vezes seu peso em ouro, pois é quem desloca a gadaria para lugar onde possa sobreviver. As distâncias a serem vencidas levam meses, para ele motivo de orgulho e divertimento. Não é trabalho. É um esporte. Um esporte radical de muita adrenalina. Sente a morte do cavalo porque representa o fim de seu estilo de viver.

Sim, o gaúcho é acima de tudo um grande esportista. Vive pela adrenalina das façanhas difícilimas que só ele consegue realizar.

Por outro lado, não há como negar, o gaúcho foi sempre muito pobre e foi um eterno sofredor. Não tinha bens e não tinha cultura. O lado “super-homem” não passa de um

pequeno momento heroico de sua triste existência. Momento que foi ufanado pelos que, depois dele, habitaram a região.

Levanto os olhos e, novamente, me vejo refletido no quadro-espelho da sala. Continuo me achando parecido com Deivid sem o ser. Seu cabelo é preto, o meu é castanho. O dele é bem mais cheio. Talvez eu tenha alguns centímetros a mais de altura. Os óculos de aro preto descansam sobre seu nariz durante todas as horas do dia. O aro dos meus é amarelado e só os uso para leitura. Somos, sim, diferentes. Todavia, a sensação de similitude persiste e espelho não mente. Acho que como ele também me sinto atraído pelo mesmo herói.

4

Da janela do consultório, observo a corrida de dois pintores de parede: quem chegará mais rápido ao chão com o serviço feito? Provavelmente aquele em cuja trajetória há em cada andar uma pequena janela de banheiro a diminuir-lhe os metros quadrados a pintar.

- Tchê! Te convenceu de que o gaúcho era, acima de tudo, um esportista?

Anui com a cabeça sem revelar a pergunta que me fazia em pensamento: “O gaúcho, se pudesse escolher, preferiria ser esse esportista ou o dono da estância?”

- Gostava mesmo era de lutar com facão, a luta corpo a corpo – continuou Deivid empolgado. - Mais tarde, não se negou a usar também a arma de fogo, mas, em princípio, não a considerava uma arma para homens. Homens tinham de se atracar no corpo a corpo. Desde cedo afez o espírito a não temer a morte. Bem sabia que a vida acabaria a qualquer momento.

- Era um órfão – acrescento para me colocar no assunto. - No sentido de que só contava com ele, com sua própria força e destreza.

- Pois eu e as crianças – suspira Deivid – éramos órfãos. Só podíamos contar conosco mesmo. Só que eu não exercitava meu físico o dia inteiro, não sabia me atracar corpo a corpo. Mas...

- ...você reuniu naquele momento as qualidades do caráter do gaúcho que existiam dentro de ti.

- Tchê! Vamos enumerar as qualidades do gaúcho...

- Honestidade, franqueza, coragem, destemor frente à morte, tomada imediata de decisão, jamais vacila, aceita qualquer empreitada... Em parte, residem nelas seus defeitos...

- Faz o que tem de ser feito! – Deivid exclama interrompendo meu comentário final - Se no caminho encontrar a morte, não importa, isso não o faz recuar ou mudar de direção. Para ele, a morte não é jamais motivo para mudar seu jeito de ser e seus princípios nesta vida.

- Fiel a seus princípios...

- Vejo que você também é admirador desse povo! – interrompe-me Deivid.

- Não que eu não veja nesse estilo de viver a própria tragédia - insisto. - Leste Twareg? De Figueroa? Um beduíno revela capacidade sobre-humana para sobreviver no deserto. Enfrenta os maiores perigos, mata seus adversários, supera grandes distâncias naquela areia inóspita, etc. Quando ele chega a uma cidade, acho que era a cidade do Cairo, sobrevive apenas uma semana, é assassinado. Sem dúvida, as qualidades do beduíno são as melhores para seu habitat. Fora dele...

- Aquele habitat, voltando à minha história, não é o meu habitat, é o habitat dos gaúchos – retoma Deivid dando a impressão de não me ouvira. - Ah! isso é! Pergunto para as crianças se os bandidos estavam com uma ou mais caminhonetes. Uma. Eram mesmo só quatro? Sim. Resolvo levá-las para mais longe do galpão. Andamos uns trezentos metros e nos sentamos atrás de algumas árvores. Cubro-as com

minha camisa e decido buscar suas roupas. Com muita cautela, vasculho o galpão e a casa. Panelas, colchões, quase nada. Provavelmente foram construídos para abrigar aqueles que serão contratados para limpar a terra dos arbustos e permitir a plantação. Encontro as roupas das crianças e nenhuma comida. Apenas um garrafão com vinho e outro com água. Os fascínoras nem iriam posar ali à noite. Iriam se divertir sadicamente com as crianças, enterrá-las e ir embora.

- O horror dos horrores!

- De volta, entrego as roupas às crianças e o garrafão com água. Estão sedentas, e eu também. Visto minha camisa e peço que fiquem ali, quietas. Volto ao galpão refletindo. Os dois que ainda estão vivos devem ter ido com a caminhonete me procurar na outra margem. Dificilmente iriam em busca de reforço, quantas horas perderiam? A hipótese de fuga também não combina: não iriam abandonar aqui um companheiro e deixar vivas as crianças. Com certeza, me procuram na outra margem ou me aguardam na rodovia, deduzindo que irei lá para pedir carona. Carona a esta hora da noite? Mais cedo ou mais tarde, eles vão voltar. Fujo com as crianças campo afora? É morte quase certa: fome, sede, picada de cobra, ataque de onças... É remota a possibilidade de haver viva alma por aqui. Caminhamos até a rodovia e aguardamos o amanhecer para pedir carona? Bem, e se o carona que parar for do mesmo naipe

dos bandidos? A solução mais difícil, mas a mais segura: roubar a caminhonete deles. Traço mentalmente um plano. Primeiro passo: levarei as crianças um ou dois quilômetros adiante em direção à rodovia, na altura onde está a minha caminhonete avariada. Segundo passo: quando eles voltarem ao galpão, aproveitarei uma distração deles, entrarei na caminhonete e sairei em disparada. Pegarei as crianças na passagem e... todos salvos. Creio que já é madrugada quando consigo esconder as crianças atrás de uns arbustos, a mais ou menos uns cinquenta metros da estradinha que vai dar na rodovia e bem na altura onde está minha caminhonete. Volto sozinho ao galpão carregando minhas três armas. Escolho um arbusto que me permite uma boa visão da estrada e dos mortos. Me sinto dono da situação. Dou-me conta: não ouvi nenhum acôo, e onde não há cão, não há morador. A região é realmente desabitada, preciso muito da caminhonete. Após algum tempo, ouço o barulho de um motor e, logo em seguida, vejo as luzes do farol de um carro. São eles! Ao se aproximarem do galpão, começam a gritar improperios. As luzes dos faróis devem ter permitido que notassem a ausência das crianças e os corpos de seus comparsas. “Filho-da-puta!”, gritam. “Cuidado! Agora ele está armado!” Correm e se encostam na parede do galpão. De arma em punho se dividem: um vai vistoriar a casa; o outro, o galpão. Corro e entro na caminhonete. Puta merda! As chaves não estão aqui e eu não sei fazer ligação direta!

- E agora!? – Exclamo totalmente mergulhado no relato.

- Agora?! Agora sou eu o caçador! Muito calmamente aguardo. Sinto uma euforia desmedida. Acho bom não ter encontrado a chave da caminhonete, desejo ficar e matá-los! Deixo tudo como está: os faróis ligados, as portas abertas. Um dos fascínoras vem em direção à caminhonete. Me abaixo no banco do motorista. A espingarda engatilhada sobre o meu colo, estou eufórico, radiante. Declamo em pensamento: “Eu nunca me hei de entregar para os braços da morte.” Quando a porta é aberta de todo, vejo a minha frente o tórax de um homem encorpado. Puxo o gatilho, são dois canos fumegando. Seu corpo, jogado para trás, balança a porta e cai.

Deivid levanta-se e, simulando segurar uma espingarda apontada para o chão, detona duas vezes.

- Imediatamente procuro a chave da caminhonete. Não está com ele. Quem sabe veio apenas desligar os faróis. Sem saber o que fazer, me escondo nos arbustos. O outro não aparece, pelo menos não o vejo. Começo a me sentir a caça. É claro que o quarto assassino percebeu o que se passou e não virá correndo. Virá se esgueirando pelos arbustos. Quem sabe me atingirá pelas costas. Resolvo sair rápido dali e vou, ora correndo, ora caminhando rápido, em direção ao esconderijo das crianças. Chegando lá, informo-as de que só falta um. Elas estão tremendo. Surge-me uma ideia: é claro que o quarto

assassino vai tentar pegar a condução. Só com ela ele poderá ir embora deste fim de mundo. Poderia pegar carona na estrada? O que ele vai contar depois, que fugiu com o rabo no meio das pernas? E se ele tiver sido contratado por alguém para executar essas crianças? Vai se apresentar sem o serviço feito e sem a caminhonete? Não, ele vai é tentar me matar. Vai me procurar. Esperá-lo de tocaia em torno da caminhonete é arriscado, ele poderá me atacar pelas costas. Já sei. Que ele pegue a caminhonete. Por onde vai sair? Pela estradinha, não há outra alternativa. Farei uma barreira com galhos e, quando ele travar, eu o atacarei. Opto por uma curva fechada em trecho esburacado e arrasto para lá galhos e até mesmo um arbúsculo inteiro: impossível passar. Descanso e aguardo. Mas e se ele conseguir dar ré sem ser atingido? Voltará para o galpão e continuaremos na mesma? Separo mais alguns galhos grossos. Quando ele tentar dar ré, eu os jogarei atrás do veículo e ele ficará sem saída. A espera é longa. Quando já está começando a clarear o dia, ouço barulho de motor. Faz a curva com rapidez e não consegue travar a tempo! O rodado traseiro acavala sobre os galhos! Porra! Não consigo mirar para atirar. Ele atira a esmo, não viu onde estou. Sai pela outra porta e se põe a correr em direção ao galpão. Vou atrás. Atiro em sua direção, ele atira na minha. Somos péssimos em pontaria. Ele atira muito e acaba sem munição. Joga a espingarda fora e passa a correr mais. Distancia-se um pouco. Cruza o galpão e se joga no rio.

Quando chego à margem, a claridade me permite vê-lo nadando. Estou muito cansado. Faço pontaria mas erro. Só me restam balas no revólver. Minha raiva é tanta que não admito que ele fuja! Como vou nadar sem molhar o revólver? Não preciso do revólver, tenho a faca...

- Mas como? Bastava você dar meia volta, colocar as crianças na caminhonete e ir embora!

- Pois é... Foi isto que acabei fazendo... a maior frustração que tive de suportar. Tchê! Não me fora suficiente matar três. Quantas e quantas vezes, depois, me imaginei atravessando o rio com a faca na boca e, após horas de caçada, passar-lhe a lâmina na garganta.

Deivid está em pé. Parece uma estátua de cera.

- Sente-se – sugiro.

- Sei que o quarto bandido não atravessará de volta o rio tão cedo. As crianças me ajudam a afastar os galhos e a desobstruir a estradinha. Com uma corda de socorro rebocamos a minha caminhonete, a menina maior vai na direção. Andamos quietos. O menino me pergunta alguma coisa do FBI. Fico com vontade de falar nos gaúchos, mas me contendo. Preciso omitir minha identidade. Matei pessoas perigosas, assassinos, provavelmente a serviço de alguém



poderoso. Se descobrirem quem sou... Minha única garantia e a de minha família é o total anonimato. E eu o consigo.

- Como?

- Passa do meio-dia quando chegamos, bastante cansados, ao primeiro povoado. Há um mecânico que conserta minha condução. Dou dinheiro à menina maior. Descubro um radioamador e, quando a ouço dizer “Pai, é a Mariana”, saio de fininho.

- Mariana é seu verdadeiro nome?

- Claro que não! Decido não falar nada para ninguém, as pessoas não guardam segredo. Minha briga se encerrou. Para que continuá-la? Novamente lembro José Hernandez e seu Martin Fierro: “Se tiverem de brigar, não briguem por fantasia; minha desgraça lhes guia como espelho onde mirar-se: saber um homem guardar-se é sempre sabedoria”. Digo para meu pai que as terras naquela região são inferiores a outras bem mais distantes.

Deivid mostra-se cansado.

- A curiosidade me faz, meses mais tarde, procurar saber o desenrolar daquilo tudo. Aproximo-me de um conhecido, proprietário de terra naquela região, que há muito não via, a pretexto de obter uma informação qualquer. Certo dia, tomando mate, ele me conta uma história de um sequestro

por vingança devido a disputas de terra. Duas irmãs adolescentes e um primo menor haviam sido raptados. Reapareceram são e salvos dizendo que seu salvador fora um agente do FBI.

- Ah! Ah! Essa é boa!

- Os meses e os anos vão passando e, em conta-gotas, descubro por este conhecido mais alguns dados sobre aqueles empresários rurais que tinham a proteção do FBI. O pai do menino, tio das garotas, acabou assassinado dois ou três anos depois.

- A proteção do FBI, neste caso, não se fez presente.

- Nunca mais se fez presente, fui cuidar da minha vida, tive meus filhos, que já são adultos, e estou aqui no fim da vida.

Deivid se cala. Seu corpo está amolecido, jogado sobre a poltrona. Algumas lágrimas umedecem seus olhos. Após um bom tempo, levanta-se e se despede com um caloroso:

- Muito obrigado!

Esfrego ambas as mãos no rosto. Caminho até a janela e, por hábito, abro as cortinas. Constatato meu engano: a competição entre os pintores está sendo ganha pelo provável perdedor. O das janelinhas de banheiro tem o trabalho

lentificado pela necessidade de utilizar um pincel menor nos parapeitos.

5

Nesses anos todos à janela, nunca vi mulher, homem, criança, nem um dos tantos gatos que frequentam estes quintais pisarem os degraus daquela escada revestida por lajotas vermelhas. Escada que desce, sim, desce, porque meus olhos chegam a ela de cima para baixo, descem degrau por degrau e param na altura em que o muro de outra casa impede que vejam onde vai terminar. Onde ela vai terminar?

- Desde que saí daqui ontem, não tive vontade de falar com ninguém e não falei com ninguém. Andei sensível como uma criança dengosa. Chorei ao assistir à novela na televisão. Depois dormi profundamente. Acordei com a musculatura dolorida, mas relaxada. Estou bem. Até comprei um casaco novo. O que acha dele? Anda friozinho por aqui! Não estou mais acostumado com o clima do sul, venho pouco para cá. Talvez esta seja a última viagem. Mas chega de sensibilidades piegas. A questão é: por que fiz o que fiz? Lembra-se do “fi-lo porque qui-lo”?



- Ah! O Jânio Quadros! Pudera! Quantas vezes deve ter sido importunado com a pergunta: “Por que mesmo o senhor renunciou à presidência?”

- Quando lembro o episódio, lembro a emoção vivida. Posso dizer até mesmo que curto essa emoção. Poucas vezes procuro analisá-la racionalmente.

- E nessas poucas vezes...?

- Não chego a uma conclusão. Por algum tempo, andei me estranhando. Sempre me vi como alguém de índole boa e pacata. No entanto, após o ocorrido, comecei a ler as páginas policiais dos jornais e a assistir a filmes de vingadores. Chegava a dar facadas no ar, imaginando à minha frente o quarto bandido. Recriminava-me por tê-lo deixado com vida. Sentia uma indignação frente à barbaridade que fatalmente teria ocorrido se o acaso não tivesse me colocado lá. Para boa parte dos seres humanos, os princípios éticos que norteiam suas vidas estão vinculados à religião. A ética que norteou minha conduta foi aquela que internalizei a partir das vivências com a cultura gaúcha. E nela há bondade e maldade. A indignação, creio, é necessária. Mas e o desejo frustrado de matar o quarto bandido?

- A indignação frente à desumanidade e o desejo desumano de matar...

- Devia ter matado aquele filho-da-puta! – exclama com o rosto vermelho. - Tchê! Se não fosse pelo fato de as crianças ainda precisarem de mim para sair daquele lugar, se eu não tivesse mais que me preocupar com elas, se eu estivesse sozinho... Ah! Eu teria atravessado aquele rio. Iria caçá-lo. E não seria tão difícil, naquelas alturas ele já devia estar apavorado. Afinal, eu matara três de seus comparsas. Jorge, eles não esperavam que eu reagisse. Não, eles não esperavam. Eram mais musculosos e armados, mas eu tinha uma causa maior. Eles eram como que funcionários burocráticos que cumprem, preguiçosamente, sua rotina. Eu não!

Levanta-se e, em ato contínuo, volta a sentar-se.

- Ou... é aí que reside minha dúvida... ou eu tinha o mesmo gosto de matar que eles tinham?! Um prazer acima de tudo? Era tão assassino quanto eles?

- Quando você matou o primeiro e fugiu... Se não houvesse crianças, se houvesse só você, você atravessaria o rio de volta para caçá-los?

- Bem... deixa eu pensar um pouco. Se quando eu abati o primeiro com a pá e corri... quando do outro lado do rio... tenho certeza de que não voltaria... não, eu não iria caçá-los. Claro que não! Eu iria me esconder no mato, tentaria de alguma forma ir embora dizendo: “Putá merda, quanta sorte!”.

- Portanto, o processo em ti teve início com o sentimento de indignação frente a um crime hediondo, e não com um desejo assassino. Você poderia cruzar os braços e dizer: “Putá merda, quanta sorte!” E você faria isso, se não houvesse as crianças. Se fosse por ti, você faria isso. Mas pelas crianças...

- Não é possível um ser humano ser tão hediondo! Não é possível! Não admito! Se a raça humana fosse toda ela assim, vida para quê?

- Quando deitado na areia do rio, você decide salvá-las, aparece teu lado humano, que defende a vida. Com certeza você se sentiu aliado, reunido com a maioria da comunidade humana, que, com absoluta certeza, não admite tais barbaridades.

- Estou concordando. Não convive dentro de mim o desejo de matar por matar. Nunca senti o mínimo prazer em realizar algo assim nem nunca fiz fantasias de histórias em que eu matasse alguém. Afora um período posterior, em que sonhei matar o quarto bandido e em que me aficcionei a filmes de vingadores, voltei à minha índole. Porém, naquela hora, eu não só quis salvar as crianças, eu quis matar. Surgiu em mim, num curto momento de minha vida, um assassino. Se eu pudesse apenas fugir com as crianças, deixando seus algozes intactos,

ou fazer o que fiz... Não há dúvida, preferiria a segunda opção. E isso ainda hoje.

- Portanto, somos vários. Porém, a questão é: qual destes vários predomina em nós.

- Estou concordando. Não sou um assassino, mas, sob certas circunstâncias...

- Vou te recomendar um livro, se ainda não o leste: *Demonic males*, de Richard Wrangham e Dale Peterson. O macho assassino emergiu, a certa altura, do teu interior. Você, sem necessidade, caso estivesse só, as crianças já com seus pais, atravessaria o rio e iria à caça do quarto bandido.

- É fato, tenho de admiti-lo. Outra questão, Jorge. Atribuo minha atitude à cultura gaúcha existente dentro de mim ou a uma oceânica dose de onipotência? Um sujeito comum sentiria a mesma indignação que eu senti, a mesma vontade de salvar as crianças; avaliaria aquela situação deitado do outro lado do rio, recuperando o fôlego; provavelmente, lamentaria profundamente sua impotência e iria embora. Pelo resto da vida lamentaria o fato de, na ocasião, não ter condição nenhuma de evitar o horror. Diria para si mesmo: “Como somos impotentes, insignificantes!”

- Provavelmente se resignaria.

- Resignação amarga.

- Não necessariamente. Amarga se predominasse dentro dele um voz que o impelisse a lutar.

- Uma voz a afirmar: “O impossível deve ser tentado, o risco de morrer não importa em nada”.

- Se não tentasse, se sentiria amargo, envergonhado de si mesmo...

- É fantástica, Jorge, a força da cultura que internalizamos: consideraria a mim mesmo um covarde. Mas como pode ser considerado covarde um sujeito que não sabe lutar, que não tem armas e consegue, milagrosamente, salvar sua vida e que, avaliando a situação com realismo, conclui: “Infelizmente, não tenho como matar homens fortes e armados, afeitos à luta e ao crime, tendo em minhas mãos apenas as unhas”.

- Não é comum arriscar a vida, com quase nenhuma chance de obter êxito, para salvar estranhos.

- No tempo dos gaúchos não havia como ser diferente.

- Há lógica nesse raciocínio: caçar cavalos selvagens em pradarias imensas, solitos, atacados por índios... só se acreditando com capacidades incomuns! E havia outra opção de vida?

- A trajetória de Martin Fierro...

- ...se, na época, era condição inerente à atividade, era conduta que favorecia a adaptação, era saudável, normal. Sem essa forma de ler a vida, que noutro contexto seria considerada onipotência doentia, não teria existido aquela atividade econômica de reunir o gado silvestre para exportar. Não teria existido quem fizesse aquilo e não se construiria um povo chamado “gaúcho”. Somente indivíduos com coragem absoluta, com tomada imediata de decisão, que jamais vacilam, que sempre fazem o que pensam que devem fazer, não importando se no caminho poderão encontrar a morte, pois sentem total destemor frente a ela, conseguiriam levar adiante aquela atividade econômica – dou-me conta de que estou contaminado pelo ufanismo e me calo.

- Para o gaúcho, e para mim naquele dia, a iminência da morte não é motivo para mudar a conduta e abrir mão dos princípios. Teria outra maneira de se lidar com aquela situação se se quisesse, é claro, salvar aquelas crianças?

- Em vez de onipotência doentia, trata-se de capacidade de adaptação. Que outro modelo você iria encontrar dentro de ti que te fizesse enfrentar solito, com total destemor...?

Deivid retira o lenço para enxugar as lágrimas que agora rolam por sua face. A emoção me pega forte. Permanecemos um bom tempo em silêncio.

- O gaúcho devia ter vida curta - murmura um de nós.

Com certeza, em suas empreitadas, poucos conseguiam tamanha sorte de sobreviver. Deivid fora um desses, ambos reconhecíamos.

- E se você tivesse morrido? – pergunto-lhe quando já está na porta para sair.

- Bem, se eu tivesse fugido deixando as crianças, teria, de certa forma, morrido também. Quem estaria aqui seria outro ser que não eu, um ser que abre mão de seus princípios e de sua conduta para não morrer. Este que está aqui não existiria, Jorge.

6

O fio de arame que sai de uma janela envidraçada dos fundos do terceiro piso de uma antiga casa de alvenaria desce, faz leve curva para a direita, ou é a impressão que me chega pelo balançar ao vento, e acaba numa área de serviço descoberta. Não é um estendedor, nunca vi roupa lá. Será um papelão aquele branco estacionado a meio caminho no fio? Será um telegrama? Quem não lembra aquela brincadeira de infância?

- Se me senti um herói? Não. Passado aquele período de atração pelos filmes de vingadores, as “águas voltaram ao leito do rio”. Assim como quem sofre um acidente de carro, permanece um tempo na CTI e sobrevive inteiro, procurei esquecer tudo aquilo. Segui minha rotina e, felizmente, levei uma vida bastante comum. Os negócios, os filhos, o casamento, algumas viagens e outras “cositas” mais...

- E Mariana?

- Ah! Você sabe que a alma humana é curiosa. Passados mais de vinte anos do ocorrido, cresceu em mim curiosidade maior que minha discrição. Quando meus filhos, por causa dos estudos ou outros motivos, saíram de casa, fui em busca de Mariana. Por que o fiz?

- Sim, por quê?

- Não sei... Fi-lo porque qui-lo!

Rimos.

- Foi difícil localizá-la. Mas não era só ela que eu queria encontrar. Todas as crianças. O menino, aquele que me considerara um agente do FBI...

Rimos novamente.

- Voltei à região dos acontecimentos, nunca mais havia pisado lá. O povoado onde deixei as crianças agora é uma

cidade progressista. Converso daqui, converso dali, sempre com o pretexto de que procuro terras para comprar. Comentários como: “Felizmente não há mais tanta violência aqui”. “Sim, sim”, respondem os corretores. “No passado tratava-se de terra sem lei...” E aí surgem os crimes do passado. Enfim, descubro o nome completo do menino, que, é lógico, não vou lhe contar. Mas não sabiam me dizer onde andava. Mariana, sim, era dentista no Rio de Janeiro. Devia estar com mais de trinta anos.

Retira o lenço e assoa o nariz. Continua com voz embargada:

- Minha mulher, que, infelizmente, morreu há dois anos, estranhou o quanto começamos a viajar ao Rio. “Está mais que na hora de aproveitarmos a vida. Os filhos já estão criados”, justificava eu. Retirei da lista telefônica todas as dentistas Mariana. Muitas, mas nenhuma com o sobrenome que haviam me dado como sendo o seu. Deveria estar casada. Fiz muitas ligações a consultórios odontológicos, a entidades desta classe. Afinal, acabei descobrindo-a no Leme, mas não tive coragem de ir até lá.

- Você queria se apresentar...?

- Não, não! Jamais pensei nisso. Desejava apenas vê-la. Inclusive andei caminhando pela rua que constava como seu

endereço, localizei o consultório. Esperei que ela saísse. Não consegui reconhecer quem era ela dentre as mulheres que saíam do prédio.

- Tens ideia do porquê de não se dar a conhecer?

- Não sei, apenas senti que não deveria. Afinal, numa das tantas viagens ao Rio, marco hora dando um nome inventado. Coloco minha melhor roupa e compareço um pouco adiantado. Sala de espera discreta, secretária atenciosa. Preencho a ficha e aguardo. Sinto grande paz interior. O nervosismo prévio desaparecera por completo. Quando sou chamado, encontro a Mariana grande. Sim, porque logo a reconheço. Os mesmos olhos azuis. Uma mulher bonita que me recebe com um sorriso comedido. Como esperava, não percebe quem sou. Também... os anos haviam me afeado mais ainda. Naquele dia, praticamente nada conversamos. No segundo, observo a foto de duas crianças sobre um balcão. Sinto-me muito tranquilo e creio que ela também. Talvez pelo fato de ambos ficarmos a maior parte do tempo calados. O silêncio entre duas pessoas serenas traz paz. Às vezes, ela ri por algum movimento desajeitado meu ou dela mesma. Eu rio também. Um dia, mais para o final do tratamento, ouço-a ao celular: “Tenha muita paciência”, diz para quem lhe telefona. Paciência certamente é o que não tem: sua voz é gritada. “Desculpe” - digo quando Mariana volta a cuidar de meus dentes -, “acabei

ouvindo o desespero de sua amiga. Pelo visto o marido dela é ruim...” Mariana ri. “E a sua mulher?” “É boa!” – respondo - “E o seu marido?” “Tive sorte, é um bom marido”. “É também um bom pai?”, inquiri olhando na direção da foto das crianças. “Também nisso tive sorte”. Na penúltima consulta, Mariana toma a iniciativa e pergunta se eu acredito em sorte e azar. Respondo que sim, que acredito haver acasos bons e acasos ruins. Está preocupada com a filha de quatorze anos. Já quer ir a festas, paquerar... “Que lhe ocorram acasos bons. Aliás, uma idade maravilhosa”, comento. E arrisco: “Você lembra dos seus quatorze anos?” Sorri, depois fica séria, muito séria. “Eu jamais esquecerei dos meus quatorze anos”.

Deivid cala-se por instantes.

- Na última consulta, Mariana discorre sobre a vida boa que leva com os filhos e o marido. Evito falar, minha voz sairia embargada. “Jamais vou esquecer de meus quatorze anos... Foram decisivos...”, comenta minha dentista em voz baixa. Já havíamos nos despedido quando ela completa: “Neste mundo há pessoas muito boas...”

Retira os óculos e enxuga os olhos com o lenço.

- Não cheguei a ouvir o seguimento da frase...

Dobra o lenço com vagar. Guarda-o no bolso.

- Por que não me revelo para Mariana? Penso que seria uma deselegância de minha parte. Como estou no fim da vida, coisas assim como discrição e elegância... esses quase-nada são tudo.

Passado algum tempo, Deivid me telefona com voz ofegante, cansada, fazendo longas pausas, quer me agradecer por tê-lo ouvido com tanto interesse. Travamos curta conversa. Pergunto-lhe se posso um dia escrever sobre ele.

- Não chega a história do caçador de urso? O herói de si mesmo... é esse o título, não?

- Não chega não! Falando em título, tenho um para a sua história...

- Jorge, faça como quiser...

A chamada telefônica cai e não retorna. Nunca mais retorna.

7

Sei o quanto me afeiçoei a tudo que vejo do lado de fora das cortinas de meu consultório: imagens que me acompanham e que desencadeiam em mim divagações, sonhos... Certa vez, em Lausanne, num final de tarde, a neve principiou a cair. Da

janela do hotel vi os telhados vizinhos serem, aos poucos, cobertos de branco. Havia silêncio e os flocos se deitavam suaves, educados, como que pedindo licença aos objetos que usavam como cama derradeira. Lá, junto aos lagos suíços, não esqueci os telhados da rua XV de Novembro. Lembrei-me deles com orgulho, também os havia visto suportando neve.

Do lado de dentro das cortinas, a afeição é mais forte porque construída em relações sinceras, profundas, com seres muito, mas muito humanos. Alguns se foram para sempre. Todavia, mesmo que a morte acabe com a vida, não apaga o tempo vivido. A vida é um suceder de acontecimentos e, mesmo que exista um acontecimento final, o todo não é apagado por esse acontecimento.

Dia desses, na janela, ouvi o som abafado de um telefone distante. Rapidamente me volvei para dentro e andei em direção ao meu aparelho. Contra todas as evidências esperava que fosse telefonema de Deivid. Sua presença, mesmo que em pensamento, evoca sentimentos marcantes. Algo semelhante, mas maior, aos vivenciados quando, com calma e tempo, apreciamos alguns dos quadros do Louvre, do Hermitage, ou, quando em Madri, resolvemos tirar algumas horas no museu do Prado.

Naquele momento em que Deivid, já salvo, decide retornar ao rio para, sem chances lógicas de êxito, tentar salvar

desconhecidos, numa pincelada só, ele produziu uma obra-prima. Mais nobre que a de um Van Gogh, de um Leonardo, porque implicava abrir mão da própria vida. E ninguém ficaria sabendo de seu feito. E ele sabia disso.

A obra de Deivid não foi feita com a intenção de exibí-la em museu. Esse nosso irmão, pai, filho, amigo nadou para a morte e não para a glória.

Mariana, sua irmã, seu irmão, eu, e agora vocês que me leem, nós - aqueles que ficamos sabendo que um homem solitário à beira de um rio, em detrimento de sua existência individual, decidiu pela humanidade – sentimos um profundo, um profundíssimo, desejo de gratidão. E sentimos algo maior, algo muito maior, algo que não conseguimos colocar no formato de palavras.

## O TRUQUE DO MEDO COMPARTILHADO

1

- Uma enfermeira tentou me matar!

- O quê?!

- Te assustei! – Exclama por entre altissonante gargalhada.

Nara, assim vou chamá-la, é alegre, de bom coração.

- Falo sério, Jorge. Sofri um acidente de carro e por puro acaso escapei ilesa. O motorista e uma amiga, Ivone, que era enfermeira, morreram na hora. Estou perplexa: minha amiga quis morrer e quis me levar junto. Pode?!

Há seis anos, Nara consultara algumas vezes comigo por ocasião da morte de sua única filha. Continua esbelta. Trinta e cinco anos? É sempre difícil adivinhar a idade das mulheres. Seus olhos são azuis, o cabelo castanho-claro repartido no meio, veste-se, com bem cuidada simplicidade, roupas de cores claras e alegres. Seu raciocínio continua rápido. Não me agradam suas gargalhadas: explodem em momentos impróprios, fazem doer os ouvidos.

- Ivone andava mal-humorada, queixosa, ranzinza. Confidenciou à cozinheira do hospital que sua vida estava por um triz. Num sábado à tarde, insistiu para que eu a acompanhasse numa visita a uma família da zona rural de nosso município. Eu não estava afim, mas a pressão foi tamanha que acabei cedendo. O motorista não queria dirigir. Minha amiga insistiu tanto com aquele sujeito que ele também cedeu. Já no primeiro quilômetro percebi que ele bebera...

Outro paciente, da mesma cidade, me contara do trabalho de Nara no acompanhamento de doentes com enfermidade terminal. Visitava-os no hospital e em casa, como médica e como amiga.

- ...virei-me, eu estava no banco da frente, e disse: “Ivone, nosso motorista está bêbado!” Ela apenas sorriu. Exclamei: “Você quer morrer!?” Não vi mais nada, nem podia ver mesmo. Eu estava virada para trás quando o carro bateu de frente num caminhão, segundo soube seis horas depois ao acordar no hospital...

- Que horror!

- ...e ver que fisicamente estava bem. Mas a minha cuca ainda hoje não está boa. Como pode a Ivone, de fato minha amiga, que muito procurou me ajudar por ocasião da perda da

Elisa, desejar morrer e querer levar junto ao motorista e a mim?!

Como será que Nara continuou o processo de elaboração da perda da filha? Na ocasião, hesitava entre buscar uma explicação religiosa ou continuar ateuista como sempre fora. Lembro que acabamos examinando a relação de Nara com seu pai, com quem mantivera um vínculo muito forte. Procurava adotar, em relação à morte da filha, comportamento que acreditava corresponder ao esperado por seu pai.

- Desejar minha morte!? Ivone?! Ivone adorava Elisa!

A perda de Elisa foi, sem dúvida alguma, um golpe terrível para Nara. Até hoje me pergunto: o que se passou com essa menina? Acidente? Suicídio? Assassinato?

- ...se fosse há seis anos... Na época eu até desejei morrer. Mas agora minha vida alinhou. Você nem sabe, mas eu sou mãe de novo. Um menino, três aninhos ele já tem. O pai dele é casado com outra mulher, mora em outra cidade. Nós namoramos uma ou duas vezes por semana. Para mim está bem. Você sabe o meu jeito, eu não paro. Acompanho pacientes terminais, visito as famílias do interior, eu não paro. Ah! Faça rapel! Você já fez?

- Não.

- Você não é do tipo. Com homem dentro de casa com certeza não daria para viver assim. Você se lembra do pai da Elisa? Não devia ter morado com ele, acabamos brigando, e eu acabei sendo a mãe e o pai de minha filha. Estou vivendo bem como eu gosto de viver. Posso dizer que sou o que sou. Aliás, falta uma coisa.

Nara quase se levanta na poltrona.

- Preciso voltar a discutir a questão: é possível encarar a morte sem Deus? Você lembra o quanto falava nisto contigo?

- A gente nunca esquece as conversas sobre a morte.

- Você me dizia que a resposta não estava escrita em lugar nenhum. Eu é que teria de escrevê-la.

- E?...

- Pois é... deprimida pela morte de minha filha... dei uma guinada para o misticismo. Aos poucos fui me recuperando, o tempo passou, nasceu o Luiz Eduardo e eu voltei a achar tudo uma fantasia. Deus? Vida após a morte? Com os pacientes terminais, reforço suas ideias religiosas. Mas... não tenho convicção nenhuma disso. Por isso não posso realmente dizer que sou o que sou. Falta sinceridade em mim quando falo com estas pessoas que estão frente a frente com a morte. Então, meu caro doutor – dá uma gargalhada – estou aqui para conseguir ser o que sou. É mole?

- A morte andou perto demais de você...

- Se andou – suspira séria. - E isso me fez desejar, mais ainda que antes, ser verdadeira, totalmente honesta comigo mesma e com as pessoas. É o mínimo que se pode alcançar nesta vida. Por que não ser sempre o que se é? Jorge, não aguento tentar falar no fim da vida e só ouvir meu interlocutor responder que a vida não termina, que é eterna, Deus, vida eterna, Bíblia, Deus, vida eterna... Fico ali com eles concordando sem concordar. Não digo a eles o que realmente penso. Não sou sincera. Você sabe, é raro encontrar alguém que aborde o tema de outra forma. Que encare de frente, sem desviar o assunto para Deus, Bíblia, vida eterna... ! Você é daqueles que acha que a morte é como o sol, não pode ser encarada de frente?

- Casualmente, ontem assisti a *Um amor verdadeiro*. Meryl Streep morre lentamente de câncer, e tanto ela como seu marido, William Hurt, e sua filha, Renne Zelweger, não falam em nenhum momento em religião e em vida após a morte.

- Meryl Streep e esses outros nunca apareceram aqui na minha terrinha.

Dou risada.

- Temos de nos defender do medo da morte nem que seja através de truques mentais...

- Tu não encaras de frente a morte! Confessa!

- Meio de frente, meio de lado – sorriso.

A gargalhada de Nara ecoa no meu consultório e, provavelmente, fora dele.

2

Deito-me bocejando. Relaxo os músculos. Dormir em paz é uma das boas coisas desta vida.

No meio da noite um sonho angustiante me acorda. Nele estou num apartamento em reformas, num andar muito alto de um prédio ainda inacabado de uma grande cidade. Fim de tarde, os trabalhadores foram embora. De repente, me vejo sozinho, na sala da frente, com um homem muito musculoso que ri sadicamente para mim e bate lenta e repetidamente na palma da mão esquerda um cano grosso de ferro, que segura com firmeza com a mão direita. Um frio corre pela minha espinha, vou morrer, é óbvio, não sou páreo para ele. É tão

forte e seguro de sua força que, sempre rindo, faz um sinal com a cabeça indicando no chão um cano semelhante. Quer me matar numa luta, suponho. Abaixo-me para pegar o cano e penso: minha única chance é bater primeiro. No mesmo movimento de erguer o corpo, com toda a força, movo os dois braços segurando o cano e atinjo sua cabeça. Ele cai e só mais um golpe é suficiente para matá-lo. Batem na porta. E agora? O que fazer? Ergo o corpo morto. É tão leve quanto um balão. Levo-o à sacada e jogo-o num terreno baldio que descubro existir ao lado do prédio. Em seguida, estou a caminhar com Nara por uma rua escura e barulhenta. Apressado e aflito, pergunto a ela se devo me apresentar à polícia ou aguardar na expectativa de que não me descubram. Ela responde dizendo que tudo depende da explicação convincente que eu consiga criar.

Quando acordado, o sonho me traz culpa: será que ele queria mesmo me matar ou apenas iria me mostrar algum defeito no cano? Porém, havia indícios de que se tratava de alguém perigoso: sorriso sádico, mutismo, músculos à vista, aparecimento de surpresa. O busílis da questão: se deduzi certo, agi certo, minha única chance de sobreviver estava na atitude de atacar primeiro. Mas se deduzi errado, matei barbaramente um inocente operário da construção civil no final da tarde de

uma grande cidade, quando ele estava a mostrar um cano defeituoso.

Não posso desconhecer que todos os personagens do sonho são criação minha, são partes minhas.

Mais acordado, digo para mim mesmo que estou com pensamentos obsessivos para encobrir o verdadeiro sentimento que eclodiu em minha mente e me fez sonhar um sonho angustiante e acordar: a morte.

Nara fez emergir essa questão dentro de mim e eu estou a me dizer: o que importa é a explicação, importa como nós seres que alcançamos o poder de raciocinar vamos mentalmente lidar com a morte. Ou vamos, por medo, desistir de pensar. Vamos matar o assunto. Vamos funcionar como os demais animais e apenas agir, sem teoria, sem explicações, sem pensar. Eu e o homem do cano apenas matamos ou morremos, sem falar, sem explicar.

Há silêncio na noite. Apenas ao longe o baque repetitivo de um vagão de trem contra outro. Uma daquelas madrugadas em que o vento vem forte da ferrovia.

Volto a acompanhar mais um momento da vida de uma mulher muito forte, muito corajosa. Uma daquelas pessoas que enfrentam e não fogem dos problemas que a vida lhes apresenta, que põem a cara no vento. Uma mulher que, afora

alguns leves traços hipomaniacos, daquela “boa hipomania”, é mentalmente saudável. Com “boa hipomania” me refiro ao humor alegre, muita energia, loquacidade, hiperatividade, sem a irritabilidade comum ao hipomaniaco, mas com facilidade para crer e se envolver em projetos ou teorias grandiloquentes. Não me procura para tratar um transtorno mental através de uma técnica psicoterápica já testada pelo método científico. Vem para um encontro pessoa a pessoa. Espera que eu me coloque na reflexão por inteiro, gente-com-gente.

Vou até a sala e caminho. A morte é um absurdo. Logo, logo não existo mais, nunca mais. Alguém me disse que só a cultura pode nos salvar do medo da morte. Com ela, conseguimos trocar opiniões a respeito, forjar explicações, compartilhar o que sentimos.

- Tudo depende da explicação – murmuro lembrando o sonho.

3

No consultório, Nara me espera.

- Descobri mais uma coisa sobre minha ex-amiga enfermeira. Virei detetive, Jorge – diz por entre o riso estridente. – Ivone havia confessado ao capelão do hospital que sua missão estava encerrada. Não há dúvida de que fora uma

ótima enfermeira. Trabalhara muito. É verdade que às vezes andava mal-humorada. Será que minha amiga quis mesmo morrer? Ou será que tudo foi obra do acaso? O motorista bêbado...?

- Temos assim tão pouco poder sobre nossas vidas? – reflito em voz alta.

- O acaso determina a hora do fim? O acaso ou Ivone?  
– ri – Falando sério: eu acompanho uma senhora de sessenta e poucos anos com doença terminal que me disse: “Nara, numa das tantas vezes em que quase me fui, eu saí de meu corpo, parei acima dele e depois voltei”.

- Um familiar meu acaba de me contar que, ao se submeter a uma anestesia para retirar um dente ciso, sonhou que estava voando por cima do telhado do hospital. Ele não tem dúvida: foi sonho. E ela?

Nara retira da bolsa o livro *A roda da vida*, de Elisabeth Kubler-Ross.

- Leste?

- Sim.

- Lembra da senhora Schwartz?

- Ah! Acho que era aquela que motivou Elisabeth a procurar pessoas que diziam terem saído do corpo e voltado...

- Mais ou menos. Já vi que você não tem lá tanta memória assim – mais uma vez a gargalhada – A senhora Schwartz era casada com um homem esquizofrênico, que sempre que entrava em surto atacava o filho de dezessete anos. Ela já entrara em coma dez vezes, mas não podia morrer antes de o filho ter dezoito anos para que ele não ficasse sob a guarda do pai e correndo risco. Conta a senhora Schwartz que, numa das vezes em que esteve mal, foi recuperada com massagem cardíaca, pairou junto ao teto e viu as pessoas tentando reanimá-la. A sensação era boa, até pediu, mas não foi ouvida, para que parassem de reanimá-la porque estava bem.

- Daí Elizabeth começa a se interessar por pacientes que teriam morrido e ressuscitado...

- Silêncio! Dez meses após a morte da senhora Schwartz, Elizabeth, que já se interessava por outras vidas, estava cansada. Pensou em largar o seminário das sextas. Do seminário você se lembra, não é?

- O seminário com pacientes terminais aberto a profissionais da saúde e a estudantes de medicina. Em Chicago...

- Mas... mas se sentia constrangida em comunicar tal decisão ao pastor que a ajudava nos encontros. Na saída de um seminário, quando o pastor estava entrando no elevador, ela,

ao se despedir dele, começa a falar que ia largar o seminário. Neste momento, aparece a sua frente a imagem da senhora Schwartz: “Seu trabalho apenas começou. Vamos ajudá-la. Não desista, Elisabeth!”

- Elisabeth vai a seu escritório e a imagem vai junto.

- A nossa doutora entrega lápis e papel e a senhora Schwartz rabisca um agradecimento.

- A partir daí, Elisabeth torna-se definitivamente interessada em almas.

- Ela foi uma mulher que encarou de frente a morte. Até que... cansou. Vou usar esta palavra: cansou. E nós, Jorge? Vamos “cansar” como Elisabeth? Jorge, é possível encarar a morte sem Deus?

- Para início de conversa... até que ponto tua insistência em querer encarar a morte sem Deus não é o desejo de se manter fiel a teu pai por quem, é inegável, você nutre grande afeto?

- Bem... ele era ateu...

- Na outra vez que você me procurou você me disse que ele morreu sem Deus.

- Eu era adolescente, lembro muito este dia... me faz bem. Choro, choro ruim e bom. Você sabe o que é choro ruim

e bom? Jorge, você tem de me contar uma morte de tua família! Você também tem de se colocar nas nossas conversas. Não me diga que você vai se esconder?! Não venha com essa de “neutralidade do terapeuta”!

- Gosto de falar das pessoas que me foram caras, Nara. E se falar o tempo todo? Como é que fica? Você está pagando...

- Você cobra menos de mim... – faz sinal de repreensão com o dedo indicador – Por que você cobra menos? Para também falar de ti...

- Bom... Vou falar do meu avô...

- Pode começar!

- A morte de meu avô materno foi a minha primeira morte. Eu era adolescente, assim como você quando perdeu o pai, tinha dezesseis anos. Meu avô em certos períodos fora agnóstico, noutras ateu e noutras espírita. Quando agnóstico, não sabia se Deus existia ou não e não tinha opinião a respeito. Quando ateu não sabia se Deus existia, mas tinha a forte impressão de que ele não existia. Conversávamos no chá de todas as tardes às quinze e trinta. Quando ainda não frequentava a escola, ou mesmo mais adiante, por ocasião das férias escolares, quase todas as manhãs, das dez às onze, nos reuníamos em sua varanda envidraçada. No final de sua vida, oitenta e seis anos, já cinco infartos, lembro-me dele

telefonando para seu irmão mais novo: “Gervasinho, venha cá me convencer da tua religião”. No chá do dia seguinte, ouvia Gervasinho contando algo da doutrina espírita. Passados poucos dias, meu avô telefonava de novo: “Gervasinho, volte aqui me convencer de tua religião, pois já não estou acreditando mais”.

As gargalhadas estridentes de Nara me irritam, mas não impedem meu riso.

- Desculpe, mas não é engraçado?

- Tem mais! – não consigo conter o riso – Nara... o Gervasinho não acreditava em Deus!

- Como?!

- Achava que morria e terminava. Porém, numa visita ao irmão, achando-o um pouco angustiado com a morte chegando, resolveu comentar algo da teoria espírita que lera nos livros de outro irmão já falecido, o Herculano, este, sim, crente em Deus. Quando o Armando telefonava, lia rapidamente alguma coisa... Eu o achava mesmo meio desenxavido e pouco convincente.

Gargalhadas ainda mais estridentes.

- Meu pai era um homem bom – Nara para de rir. – Sei que ele me quis muito. No dia de sua morte ele se despediu de

mim. Este último encontro eu não conto. Não tenho vontade de contar a ninguém. Meu pai encarou a morte sem Deus.

- Será que, bem no fundo, ele não tinha alguma fantasia?

- Religiosa ele não tinha, tenho certeza.

- Quem sabe alguma defesa filosófica. Estou me lembrando de Sartre.

- Eu gosto de Sartre.

- Sartre dizia que, frente ao medo da morte, temos duas alternativas: a primeira, crer em um salvador e fundir-se com ele; a segunda, a crença de que se é especial. “Sócrates é mortal... os homens são mortais... mas comigo... não, algo me diz que comigo vai ser diferente”. A primeira alternativa nos torna dependentes. A segunda permite nossa individualização, faz bem para a autoestima: “Sou diferente e especial”. Crescer é separar-se, é ser pai de si mesmo. É sair por aí corajoso, construindo projetos próprios.

- Pertenço à segunda alternativa. Jorge, não desejo me tornar uma Elizabeth. Não pretendo conversar com almas.

No fim do dia, caminho até a praça Tamandaré, uma praça antiga rodeada por um número tão grande de pés de plátanos que faz lembrar Montevidéu. Um ou outro galho descaído não altera a magnitude destas árvores e o sentimento de gostosa nostalgia que despertam em mim. Visitava-a com meu avô. Ele se dizia atraído pela sombra dos plátanos e por lembranças: há um busto de seu pai, meu bisavô, no centro da praça. Certamente, aqui neste local, meu avô se sentia próximo de seu pai. E eu me sinto próximo ao meu avô.

Gosto de permanecer ilhado pelos pés de plátanos, que, como muros vivos, me protegem dos ruídos da cidade agitada. Daqui de onde estou, sereno e tranquilo, ausculto o som dos motores impacientes, de vozes que não sei donde vêm e de outros barulhos dissonantes.

Próximo a mim correm crianças com entusiasmo desenfreado e gritos festivos. É bom viver!

Recordo Nara e sua alegria natural. Também do temor de sucumbir a seu desejo de mergulhar no misticismo. Mergulhar no misticismo a assusta, pois, assim o fazendo, perderia o diálogo interior que mantém em fantasia com seu falecido pai. Estou certo?



Sentado num banco, fico a pensar: entre a morte física e a separação eterna daqueles que convivemos e de que gostamos... Tememos mesmo é perder nossos vínculos. À Nara, mais do que sua morte física, o que preocupa é manter, mesmo que no nível de imaginação, o bom vínculo com seu pai. E, com certeza, com Elisa e com outras pessoas que lhe foram caras.

Nosso temor não é propriamente da morte, mas de ficarmos absolutamente sós. Como vamos pensar se nosso pensamento é sempre um diálogo com alguém? Depois de muito, muito tempo sós, até as vozes com as quais conversamos em pensamento vão se esvaindo.

Por entre as largas frestas deixadas pelos troncos das árvores, vejo carros se deslocando pela rua Teixeira Soares.

Na calçada, lentamente caminha um velho. Parece-se com o doutor J. Há quantos anos sequer recorro da existência do doutor J? Minha mãe me levou certa vez ao seu consultório. Aquele ser que eu penso ser o doutor J imagino um velho bem velho, que fala sozinho.

Lembro-me da crônica de Rubem Braga sobre um velho que falava sozinho... Devia estar conversando com algum amigo morto. A certa altura ficou quieto, com o ar contrariado de quem está ouvindo alguma coisa de que não gosta. Depois recomeçou a falar com mais veemência. Súbito calou-se outra

vez. Quem sabe o morto estava lhe dizendo poucas, porém boas.

Imagino que o doutor J continuará a cruzar a calçada da praça Tamandaré a conversar com seus amigos mortos. Provavelmente se sente mais próximo deles do que dos jovens vivos que encontra em suas caminhadas. Mais próximos em assuntos a falar. Quem é que o vai ouvir quando descrever seus anos na faculdade de medicina, as músicas da época, que o importante para os médicos de sua geração era o olho clínico, não a solicitação de exames de todo o tipo? Quem o vai escutar quando contar que foi trabalhar logo que se formou numa pequena cidade onde encontrou uma epidemia de tifo? Dos dez doentes, salvaram-se cinco. E, destes, dois se tornaram amigos para sempre. Estes dois já morreram, o primeiro há cinco anos, o segundo, no ano passado. Quem terá prazer em ouvir este assunto? Seu neto adolescente ou os dois amigos mortos? O doutor J de minha imaginação continuará a cruzar a praça Tamandaré falando sozinho. Quer dizer, sozinho ficará se não falar sozinho com seus amigos mortos.

Ouç o badalo dos sinos da igreja e sinto tristeza.

Recordo um museu que visitei há muitos anos em Moscou. Procuro e encontro, em meio à bagunça organizada de minha biblioteca, os cartões postais. Pena, os escritos estão apenas em russo. Sei que se trata da batalha em que Napoleão

foi derrotado às portas de Moscou. Museu Panorama da Batalha de Borodino? Na França, essa batalha, ocorrida em 1812, é conhecida como a Batalha de Moscou.

Nós, visitantes do museu, somos colocados num local central, de onde visualizamos toda a batalha, desenhada em detalhes magnificamente realistas num painel de cerca de quinze metros de altura por mais de cem de comprimento. A sensação é inesquecível: vemo-nos em meio a todos aqueles soldados, dos vivos e dos já tombados e mortos. Vemo-nos num passado histórico, conectados com ele.

Todos na minha casa dormem. Há silêncio. Não deve haver vento, não ouço os ruídos da ferroviária. Porém, em mim vêm ventos longínquos. Recordo que, no dia anterior ao da morte de meu avô, permaneci mais de hora sentado junto a ele. Ficamos calados durante a maior parte do tempo. Quando me retirei, ele me disse: “Obrigado”. Nunca entendi bem o significado daquele obrigado. Por vezes, ao lembrar, o sentimento que me vem é bom. Noutras, uma leve culpa: eu sim é que deveria dizer “obrigado”.

Fim de tarde, na praça de alimentação de um shopping ouço o “Samba da bênção” de Vinícius de Moraes e Baden Pawel: “Feito essa gente que anda por aí brincando com a vida. / Cuidado companheiro! / A vida é pra valer. / E não se engane não. / Tem uma só! / Duas mesmo que é bom, ninguém vai me dizer que tem / Sem provar muito bem provado / Com certidão passada em cartório do Céu. / E assinatura embaixo: Deus”.

Lembro-me dessa letra dias após, quando, no consultório, ouço Nara:

- Por que Elisabeth, a certa altura de seu fabuloso trabalho, mergulha fundo no misticismo? Jorge, não há dúvida, estou entre Elisabeth e meu pai.

- Elisabeth apresentava uma hipomania e, em consequência, facilidade para exagerar os fatos e propensão para acreditar em coisas grandiosas – comentário.

- Sou um pouco hipomaniaca, talvez por isso me identifique com ela.

- O fato de Elisabeth acompanhar muitas pessoas que morriam poderia reforçar o desejo natural de acreditar que a vida não termina com a morte.

- Sua mãe, nesta época, estava paralisada numa cama. Sempre que a gente vive na pele a morte de alguém, de forma automática, pensa em Deus, em outra vida, etc.

- Ela estava cansada e já descrevera as fases por que passa quem vive uma perda. Talvez suas pesquisas estivessem se esgotando em termos de novidades.

- E a senhora Schwartz, Jorge, devia ser uma pessoa muito marcante para qualquer um que a escutasse com afeto, interesse e sinceridade.

- Ou seja, Elisabeth, devido a sua acentuada hipomania, somada às circunstâncias de sua vida, estaria pronta para acreditar em vida após a morte.

- Quando um paciente pergunta “Doutor, o senhor acredita em vida após a morte?”, o que você responde, Jorge?

- Tempos atrás dizia: a morte é o fim. Depois, me tornei mais ameno. Dizia: a minha morte é o fim, sinto isso. A dos outros eu não sei. Mas tenho convicção de que vou morrer e terminar. Não consigo pensar diferente. E então, uma pessoa religiosa me respondeu: “Deve ser mesmo, porque a minha religião explica que nem todos sobreviverão após a morte. Nem toda obra de Deus vinga. Nem a toda semente se segue uma planta. Há sementes que caem sobre pedras e não vingam. Alguns morrem e acabam mesmo. O senhor deve ser um destes que não vão vingar”.

A gargalhada de Nara ressoa estridente.

No empardecer da tarde tomo chimarrão na companhia de uma passarada irrequieta. Acertei em colocar a pia batismal embaixo da ameixeira. Minhas companhias têm agora onde beber. E à sombra. A maioria já se acomodou no pinheiro que está acima de minha cabeça. Nesta hora, como se tornam barulhentos os pássaros! Discutem? Disputam um galho para passar a noite? O pinheiro é alto, galhoso, há cama para todos. Quem sabe cantam de alegria por mais um dia bem vivido? Ninguém mais no bebedouro. De pássaro só consigo ver um beija-flor, dorme tarde.

À noite, assisto pela tevê a uma entrevista com o filósofo Peter Singer. O que dá o direito à vida? Ser um ser vivo e estar vivo não dá. Os animais o são, mas os matamos à vontade e os comemos à mesa sem espanto.

Para Singer, o chocante é o ato de tirar a vida de um ser que tem a dimensão de futuro. Este ser tem o que perder. Por isso, há resignação no velório de um velho de noventa anos e desespero no de um adolescente.

- Jorge, visitei a família da Ivone. Falei com sua mãe e com um irmão que é padre, o F. Eles reforçaram o quanto ela gostava de mim. É provável que eu fosse sua melhor amiga. O F lembrou de seu sofrimento com a morte de Elisa e o quanto



buscou maneiras de me ajudar. Ivone chegou a duvidar da própria Igreja Católica. Frequentou centros espíritas. Aliás, F suspeitava de que ela estava fazendo essas visitas novamente. A mãe contou-me, em segredo, que ela havia lhe dito ter falado com a alma de Elisa através de um médium. Ela adorava Elisa. Jorge, Ivone gostava de mim e de Elisa, muito, mas muito mesmo.

- Confirmado o amor de Ivone por ti, como entender...

- ...o acidente... pois é... começo a mergulhar no misticismo. Jorge, preciso de um freio e de um refreio! Fui falar com um médium?! Vivo num meio religioso e converso com pessoas que vão morrer e que só falam na morte de forma religiosa... Pretendo viver como meu pai, só desse jeito me sinto bem.

- Um jeito, digamos, filosófico, não religioso de encarar nossos dilemas.

- Quero viver e morrer sem Deus. Jorge salve-me das igrejas! – Explode uma gargalhada.

Terminamos o encontro com as ideias de Epicuro: se não há nada, não há sofrimento. É óbvio, se não há mais cérebro temendo pela perda da dimensão do futuro, não há sofrimento. Para o filósofo grego, a entidade que somos cessa de existir quando morremos e, portanto, enquanto existimos,

não há morte, e quando há morte, não existimos. Concluía: “A morte nada é para nós”.

7

No encontro seguinte, comento com Nara as reflexões de Peter Singer a que assistira na tevê:

- Sendo bem objetivos: o que perdemos de fato com o fim da vida é o futuro. Mas o que é o futuro? Dias e noites para manter e ampliar nossos vínculos com pessoas, com interesses, é mais sentir, é mais conhecer. Se o futuro é este que a vida concreta nos mostra, a perda é algo palpável. Perdemos de fato, portanto, mais um tempo de sentir e de conhecer.

- Porém, quando imaginamos o futuro hipomaniacamente, exageradamente, o sofrimento da morte se torna insuportável – completa Nara sintonizando com minha linha de raciocínio.

- Se acreditássemos que a vida consiste em apenas alguns anos de conhecer, de sentir, de se vincular... que não há mais nada... o sentimento de perda seria bem menor do que se imaginarmos que a vida é muito mais que isso. É certo que nos aliviamos com a ideia de vida eterna. Porém, não conseguimos acreditar cegamente nela, pois as evidências todas nos apontam para o contrário. Temos de, a toda hora, por rezas, rituais,

conversas, pensamentos, reforçar a ideia de que a morte não é o fim. Porém, quanto mais acreditamos que viveremos eternamente, menos suportaremos aqueles momentos em que tomamos consciência da morte como o fim.

- Quem é religioso sofre mais em tais momentos. –  
conclui Nara.

- E então precisa de mais religião.

- Jorge, estou lembrando Mário Quintana: “Um saco de ilusões, bem cheio tive-o, com ele ia subindo a encosta desta vida, e no entanto, após cada ilusão perdida, que extraordinária sensação de alívio”.

8

Hoje, em casa, colocamos no prego um quadro de pintura a óleo sobre Veneza, presente de Gildo e Rita, parentes do Vêneto. Ao admirar, sem pressa, suas cores vivas exclamo em pensamento: “A vida é mesmo bela!”

A vida é... Mas a vida termina.

O último encontro com Nara e o debate sobre o que de fato perdemos com a morte, a perda real, me fizeram lembrar um colega de faculdade, Romeu Weirich. A crença em um futuro eterno atrapalhou e muito.



Fazíamos o estágio do sexto ano na Santa Casa de Porto Alegre, porém em enfermarias diferentes. Quase que diariamente, num determinado horário da manhã, encontrávamo-nos para beber um rápido cafezinho e trocar algumas palavras.

Certo dia, largando a xícara, Romeu mostra-me a palma de sua mão: “Está azulada, não sei por quê. Já marquei consulta”. “Não esquenta, deve ser um probleminha qualquer”, comento buscando tranquilizá-lo e a mim. Não era. Era um tumor inoperável no pulmão! Romeu foi hospitalizado e fez quimioterapia e outras coisas mais. Aquele encontro para o café foi o último em que eu me senti bem à vontade com ele. Quando o visitava no hospital, notava um constrangimento entre nós. Era visível que seu estado não lhe permitiria viver muito, mas ele me falava em planos para muitos anos à frente...

A doença do Romeu abalou a todos nós seus colegas de turma. Éramos cento e vinte ao todo. Poucos de nós tinham coragem de visitá-lo. Chegou a haver reunião para decidir se o Romeu poderia comparecer à cerimônia de formatura, aliás, vontade expressa dele. O Romeu foi à formatura numa cadeira de rodas, muito debilitado.

Fiz o discurso da turma falando em temas vagos, utópicos e, em nenhum momento, toquei na questão crucial que todos experimentávamos: a brevidade da vida. Eu quis

assim. Os colegas, que discutiram previamente o conteúdo do discurso, também o quiseram. Todos optamos por fingir e creio que foi este um dos motivos que fizeram com que todos tivéssemos dificuldade em acompanhar o nosso amigo em seus últimos meses de vida. E o Romeu era um daqueles colegas muito benquisto: de boa índole, tranquilo, simples, de relacionamento fácil.

Bem... a parte final do que estou contando resume tudo. Um ano após a formatura, um colega está viajando num ônibus após um fim de semana passado em casa, de volta para o hospital onde fazia residência. O ônibus estaciona num povoado, entram pessoas vestidas de preto, outras carregam flores, quietas e visivelmente tristes. A uma certa altura, uma delas deixa escapar por entre suspiros: “Acabara de se formar médico, que absurdo”. “Pobre da mãe do Romeu”, exclama outra delas. O ônibus para e as pessoas começam a descer. Nosso colega pensa em fazer o mesmo, mas não consegue se despregar do banco. O ônibus segue e a turma não se fez representar no enterro de Romeu.

Sinto-me triste ao me lembrar disso. O colega que estava no ônibus, pessoa de bom coração, com certeza gostaria de ter se despregado daquele banco.

Tínhamos uma oceânica fantasia de futuro. Não dava para se aproximar do Romeu. A distância entre nós e ele era

abismal, já que nós iríamos como que viver para sempre e ele infelizmente... A teoria da perda real, assim desejo chamá-la, se aplicada, não nos permitiria conviver mais com o Romeu, sentindo-nos mais próximos, mais iguais? Não nos permitiria descer daquele ônibus?

9

Resolvo voltar para casa a pé. Gosto de fazê-lo, quando tenho tempo, para apreciar as pessoas, por vezes alguma vitrine, para distrair o olhar. Na altura do colégio Protásio Alves, um grupo de jovens sorridentes me faz lembrar a filha de Nara.

Elisa escrevera em seu caderno escolar a letra de uma música que tratava de despedida. Nara lembrou que por aqueles dias sua filha lhe contou que perguntara a um padre na aula de religião: “Se uma pessoa faz um mal para si mesma também está cometendo um pecado?” A resposta fora positiva. “É pecado mortal? Tem perdão?” A resposta: “Nunca duvides da misericórdia divina”. Elisa ficou repetindo esta frase. Mas Nara a interpretou com sentido humorístico, pois na referida aula de religião, na sequência das perguntas de Elisa, ao ouvir o padre explicar que não cumprir as normas da Igreja, como ir a



missa, etc., era um pecado, uma desconsideração, uma ofensa a Deus, era trilhar o caminho do inferno, um rapaz, interrompendo-o, exclamara: “Padre! O senhor não! O senhor não pode nunca, mas nunca mesmo, duvidar da misericórdia divina!” O riso foi geral. Só depois é que Nara começou a pensar que esta frase poderia ter o sentido de ser perdoada por tirar sua própria vida.

Alguns dias antes, Elisa fora ao cemitério numa aparente visita espontânea, movida pela natural curiosidade adolescente. Na volta dissera ter se impressionado com um túmulo sobre o qual havia a escultura de Jesus pregado na cruz: os olhos desse Jesus a atraíam como um ímã.

Elisa se atirara da camioneta? Caíra? A tragédia ocorrera bem numa curva onde havia um barranco de uns oito metros. Teriam empurrado Elisa? Havia dois degraus construídos neste morro. No de cima a rodovia, no de baixo a ferrovia. Elisa rolara pelo barranco e batera com a cabeça nos trilhos. Seu corpo permanecera ali por mais de hora. Uma pessoa morta sobre os trilhos causa em mim profunda melancolia.

Já é tarde da noite. Volto a pensar em Elisa: estava com um grupo de amigos naquela caminhonete. Depois, algumas línguas felinas da cidade, esparramariam que eles estavam drogados. “Nunca percebi indício algum de que Elisa usasse

sequer maconha”, afirmou-me Nara na ocasião. Os amigos, dois rapazes e duas meninas, procuraram Nara muitas vezes. Estavam chocados com as acusações de que eles haviam empurrado Elisa da caminhonete. Nara, em seu depoimento na delegacia, defendeu os jovens. Para ela, havia apenas a seguinte dúvida: Elisa caiu porque caiu ou quis cair?

10

Após dois ou três meses, reencontro Nara.

- Jorge, tenho pensado mais na vida e muito pouco na morte. Com os pacientes procuro direcionar a conversa para as coisas da vida. Mas ainda tenho um pouco de ansiedade, pelo medo que eles me perguntem no que eu creio. Quero muito ser sincera, mas quero mais ainda me manter sintonizada com eles.

- Nara, nós dois somos cristãos ateus!

- Como assim cristãos ateus?!

- Fomos criados dentro dos ensinamentos de uma religião cristã, é parte de nossa biografia. Nesse sentido somos iguais às pessoas religiosas que acompanhamos. O teu trabalho de acompanhar as pessoas no final de suas vidas é um trabalho cristão. Concorda?



- Sem dúvida, dá para afirmar que é um trabalho cristão. Eu admiro Jesus Cristo pelo bem que ele procurou fazer às pessoas de seu tempo.

- A única diferença é que nós achamos que ele foi um bom homem e não um Deus.

- A maioria dos ensinamentos das religiões cristãs eu sigo porque concordo, porque me fazem bem.

- Portanto...

- Se eu me assumo como cristã, mesmo que ateísta, eu estou sintonizada com o meu povo – sorri Nara.

- Meu povo?! – sorrio também.

- Meu povo! Vou assumir: sou uma médica cristã entre pacientes cristãos.

11

Sentado sob o pinheiro do pátio de minha casa, faço-me uma proposta: trinta anos com todos os meus vínculos ou desde já a imortalidade mas... sozinho?

Se imortal, não estaria morto? Perderia trinta anos de convívio com meus vínculos. Perderia trinta anos de vida! Só

nos sentimos vivos se estamos vinculados a grupos, a comunidades: religiosa, científica, a uma torcida de futebol que seja.

Reboam trovoadas. O céu golpeia-se de relâmpagos. A chuva começa em pingos. O pinheiro me protege. Agora não mais, sou obrigado a correr, o aguaceiro é torrencial.

Havia uma tribo, lembro-me de ter lido, em que a punição pelo delito maior era ninguém mais falar com o infrator. Nunca mais falar. Com o tempo, o punido percebia a irreversibilidade de sua situação e... morria.

No livro *The art of intimacy*, os psiquiatras Thomas Patrick Malone e Patrick Thomas Malone, pai e filho, examinam a nossa “capacidade de conectar”. Não há dúvida, aqueles de nós que possuem mais capacidade para criar vínculos, mais chance têm de evitar o sofrimento da solidão. O vínculo, entenda-se, vai além do vínculo com outro ser humano: inclui o vínculo com tudo o que está aí. Com interesses, atividades, fantasias compartilhadas...

Dalai Lama, num encontro com o psiquiatra Howard Cutler, confessou-lhe que, andasse onde andasse, sempre procurava fazer vínculos. Por mais que existissem diferenças entre ele e determinada pessoa, ele dizia que haveria de existir um ponto em comum: “Somos um ser humano na comunidade

humana”. A prática de sempre se conectar faz com que nunca sinta solidão.

12

- Jorge, lembrás de F? O padre? O padre irmão da Ivone... Está com leucemia. Fará transplante de medula. Quis conversar comigo sobre a morte. F não quer morrer. Cristo-Deus lhe faz bem, é para ele um sonho bom.

- Nada melhor do que um sonho bom...

- O padre F e eu temos um mesmo sonho: poder continuar sempre conversando com alguém que achamos que valha a pena, mesmo que em pensamento, mesmo que em imaginação.

- Nara, se as religiões não acreditassem na existência de Deus e em vida após a morte, continuariam sendo procuradas. Elas promovem algo que é muito, mas muito eficaz mesmo: o compartilhamento de nossas dores. E outra coisa que faz bem: o ritual na hora da morte. Não se enterra um ser humano como se faz com um cachorro. O ritual significa: nos tratamos com respeito, com cuidado, com carinho. O ritual é sim humanizador.

Lembro-a do filme O náufrago.

- Cast away! Continuo estudando inglês, Jorge. É Cast away.

Concordamos que Tom Hanks, ao natural, humanizou sua ilha-túmulo. Após a queda do avião e a sua chegada sozinho à pequena ilha, recebe com alívio a bola de vôlei trazida pelas ondas. Desenha olhos, nariz e boca. Agora tem a companhia do... Wilson. Discute com o Wilson, projeta nele suas vozes interiores.

Quatro anos se passaram e as vozes estão mais baixas. A humanização vai sendo perdida. É mais provável a sobrevivência na ilha, que já domina, do que perder-se no imenso oceano Pacífico sobre alguns pedaços de madeira. Porém, a humanização está sendo perdida! Prefere, em vista disso, arriscar, atira-se ao mar e vai atrás das vozes...

Sento-me num banco vazio da praça Tamandaré. A tarde já vai para o fim, mas ainda há sol nos andares mais altos dos edifícios próximos. Nara e eu não desenvolvemos em nossas conversas nenhuma teoria escatológica, nenhuma doutrina sobre o destino último do homem e do mundo. Apenas elaboramos alguns truques a partir de ideias colhidas aqui e ali.

- São apenas truques – murmuro.

Resolvo organizá-los em minha mente.

O truque da perda real. Esse fenômeno a que chamamos “vida” não é nossa propriedade, é como algo que nos foi emprestado por um determinado tempo. Não somos seres vivos, estamos vivos. A vida é o que é: alguns anos para se conectar, para conhecer, para experimentar sensações. Quando acaba na hora que deve acabar – aos noventa anos? – nada estamos a perder. Quando acaba antes, perdemos não mais que a possibilidade de usufruir mais vínculos, conhecimentos e sensações.

O truque Borodino: usufruindo bem o museu-panorama que habita nosso interior, conseguimos nos manter bem próximos de nossos vínculos presentes e passados.

O rumorejo das folhas me faz observá-las. De repente, compreendo tudo melhor:

- Meus encontros com Nara fizeram bem a ela e a mim, não tanto pelas ideias e teorias que conversamos, mas por termos podido compartilhar nossos medos. Ela viu o medo dela em mim e eu vi nela o meu medo. E, aliviados, dirigíamos nossa conversa para a vida. Sobre a morte, gostaria de afirmar claramente, devemos falar não mais que o necessário.

Saio de casa a pé. Fecho o portão que dá para a calçada da rua, há um solzinho acolhedor. O desenho da casa antiga sobre azuleijos fixados no muro me faz lembrar das gerações que nela residiram: a do meu avô, a do meu pai, a minha. De imediato me vem a lembrança do poema de Paulo Guedes que trata de três gerações que se unem para suportar as assombrações.

O pai dialoga com o filho no barco no mar: “Meu filho, segura o leme que teu pai vai descansar... Meus olhos já viram muito, meus ouvidos mais ouviram, meus sentimentos já sentiram o que amanhã vais sentir...” O filho, que reluta em pegar o leme, afirma que é apenas filho e que, quando a noite escurecer no mar, as assombrações virão assustá-lo. O pai lembra o avô: “Também sou filho”. E diz que, quando faltar o brilho do sol que clareia o mar, o filho verá “que teu medo terá medo de nós três dentro de ti”.

Um vento suave traz até mim uma brunhanha de vozes alegres: há festa no Colégio Bom Conselho. Em vez do silêncio das salas de aulas, a feliz balbúrdia dos pátios. Ah! Os pátios... Quantas alegrias, e quantos medos, compartilhamos nos nossos pátios!





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Há pessoas que, ao tentar superar os problemas desta vida, constroem, sem querer, verdadeiras obras-primas do comportamento humano.

**Jorge Alberto Salton**

Médico, Mestre em Psiquiatria,  
professor da faculdade de medicina da UPF,  
escritor.

**Cursos SHII: [www.salton.med.br](http://www.salton.med.br)**